



Campus Académico de Vila Nova de Gaia
Escola Superior de Educação Jean Piaget /Arcozelo
(Decreto – Lei nº 468/88, de 16 de Dezembro)

Manuela Ricardo Neves

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EDUCATIVO:
«QUEBRAR» A ROTINA**

Mestrado em 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

Vila Nova de Gaia, outubro de 2014



Campus Académico de Vila Nova de Gaia
Escola Superior de Educação Jean Piaget/Arcozelo
(Decreto – Lei nº 468/88, de 16 de Dezembro)

Manuela Ricardo Neves

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO EDUCATIVO:
«QUEBRAR» A ROTINA**

Orientadora: Prof^ª. Doutora Alcina Maria Silva Mota Figueiroa

Mestrado em 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico

Vila Nova de Gaia, outubro de 2014

RESUMO

O presente Relatório Final intitula-se “A organização do espaço educativo: «quebrar» a rotina”. Tendo em conta a necessidade de motivar os alunos para as aprendizagens, os objetivos principais do projeto descrito neste trabalho visam, sobretudo: i) evidenciar diferentes modos de organizar a sala de aula, ii) «quebrar» a rotina nas práticas letivas; iii) salientar diferentes recursos disponíveis para o professor utilizar na leção das aulas. Para a concretização destes objetivos procedeu-se a uma revisão da literatura para fundamentar a temática em questão.

A Prática de Ensino Supervisionada (PES), integrada no Curso de Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, permitiu que o projeto selecionado fosse implementado, passando por três fases distintas: diagnóstico, intervenção e avaliação. Para diagnóstico usou-se grelhas de observação e questionários que, de certa forma, reforçaram a escolha do tema. Na intervenção foram desenvolvidas várias atividades, em diferentes áreas curriculares: matemática, ciências naturais, português e história e geografia de Portugal, na tentativa de atingir os objetivos delineados. Por fim, a última fase, a de avaliação, teve por base as respostas dadas pelos alunos acerca do que foi sendo desenvolvido, durante as aulas, quer ao nível da organização da sala de aula, quer em relação aos recursos utilizados.

Acresce, ainda, que se inclui neste Relatório Final uma proposta de intervenção ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico, uma vez que o estágio (Prática Pedagógica) desenvolvido nesse nível de ensino ocorreu já há seis anos, num outro contexto e centrado numa outra temática (Educação Sexual no 1.º Ciclo).

Como reflexão final, e considerando-se o percurso académico, a Prática de Ensino Supervisionada, o projeto implementado e a questão da profissionalidade docente, pode afirmar-se que, se por um lado, a temática abordada constitui um detalhe que pode fazer toda a diferença no sucesso das aprendizagens, por outro lado há, ainda, um longo caminho a percorrer neste domínio.

Palavras-chave: organização da sala de aula – recursos didáticos – Prática de Ensino Supervisionada.

ABSTRACT

The current Final Report is entitled “The organization of the educational space”: «to break free» the routine”. Bearing in mind the need to motivate the students into their studies, the main objectives of this project focus mainly on: i) To demonstrate different ways of organizing the classroom; ii) «To break free» the routine in the teaching processes. iii) To highlight the wide-ranging available teaching resources. In order to achieve these objectives a review of the literature was made to support the current theme.

The Supervised Teaching Practice (PES), comprised within the Master Course in Teaching of 1st. and 2nd cycles of primary education allowed the implementation of the selected project through three different stages: diagnosis, intervention and evaluation. The diagnosis stage covered the use of observational grids and surveys which reinforced the selection of the theme. In the stage of intervention several activities were developed in different subjects such as Math, Sciences, Portuguese, History, Geography, as an attempt to achieve the objectives. Lastly, the evaluation stage had special focus on the students feedback regarding the teaching processes developed during the classes, in terms of classroom organization, or in terms of the chosen teaching resources.

Moreover, in this Final Report is also included a proposal of intervention for the 1st cycle of primary education, once the internship (Teaching practices) on this school level took place six years ago, in a different context and focused in other main theme (Sexual Education - 1st Cycle of primary education).

Concluding, considering the academic career, the Supervised Teaching Practice (PES - Prática de Ensino Supervisionada), the implemented project and the matter of professional teaching, it can be said that the theme addressed is a small detail that can make the difference in the learning process. On the other hand, there is still a long way to go in this matter.

Key-words: classroom organization, teaching resources, supervised teaching practice.

AGRADECIMENTOS

Antes de apresentar este Relatório Final, queria agradecer a todos os que me orientaram e guiaram nesta longa caminhada de desenvolvimento pessoal e profissional, possibilitando a realização deste trabalho. Assim agradeço:

À minha irmã e mãe pelo esforço e apoio incondicional que me deram em todo este processo contínuo de formação, que nos momentos em que me sentia a fraquejar me davam alento para continuar;

À minha filha Gabriela que apesar dos seus quatro aninhos foi capaz de perceber a ausência da mãe, quando esta tinha de trabalhar no seu relatório final e não lhe dava a atenção desejada;

À escola onde estagiei, aos professores e aos alunos que se disponibilizaram para trabalhar comigo, sem os quais nada seria possível;

À minha orientadora Prof^ª. Doutora Alcina Figueiroa, pelo apoio que me deu na realização deste Relatório Final, pela forma exigente e rigorosa com que o orientou e principalmente pela sua dimensão humana;

A todos vocês, o meu sincero agradecimento, uma vez que neste caminho foram as “pedras” que me ajudaram a atravessar o riacho.

ÍNDICE GERAL

RESUMO	iii
ABSTRACT	v
AGRADECIMENTOS	vii
ÍNDICE GERAL	ix
ÍNDICE DE FIGURAS	xi
ÍNDICE DE QUADROS	xii
ÍNDICE DE TABELAS	xii
INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO 1 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1.1 - O espaço educativo	3
1.2 - Organização do espaço educativo formal - a sala de aula	6
1.2.1 - Tipologia em função do trabalho a desenvolver	6
1.2.2 - Os recursos - Conceitos e classificação	11
1.3 - Espaço e recursos didáticos em sala de aula - Papel do professor	13
CAPÍTULO 2 - ENQUADRAMENTO EMPÍRICO	17
2.1 – Metodologia	17
2.2 - Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada no 2º Ciclo	18
2.2.1 - Caracterização do meio e da escola no 2ºCiclo do Ensino Básico	19
2.2.2 - Caracterização das turmas	19
2.3 – Diagnóstico	22
2.3.1 - Observação das aulas em turmas do 5º e 6º anos de escolaridade	22
2.3.2 - Análise das respostas obtidas nos questionários às professoras	26
2.4 – Intervenção	30
2.5 - Avaliação da Intervenção	41
2.6 - Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada nº 1º Ciclo	44
2.6.1 - Caracterização do contexto – meio, escola e turma	44
2.6.2 - Proposta de Intervenção no 1º Ciclo	45

CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
3.1 - O Percorso Académico... ..	53
3.2 - A Prática de Ensino Supervisionada... ..	54
3.3 - O Projeto... ..	55
3.4 – A Profissionalidade Docente... ..	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	59
ANEXOS	63
ANEXO 1 – Questionário realizado às professoras	64
ANEXO 2 – Recursos utilizados para o conteúdo programático: Desigualdade Triangular	65
ANEXO 3 – Guião de registo da atividade prática do microscópio	66
ANEXO 4 – Recursos utilizados para o conteúdo programático: Tipos de Solo	67
ANEXO 5 – Recursos utilizados para o conteúdo programático: Programa MFA e a Independência das Colónias	68
ANEXO 6 – <i>Blog</i> da Turma	69

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Disposição das mesas e cadeiras em filas e colunas -----	7
Figura 2 - Disposição das mesas e cadeiras em linhas horizontais -----	7
Figura 3 - Disposição das mesas e cadeiras em grupos de 4 e 6 alunos -----	8
Figura 4 - Disposição de mesas e cadeiras em U -----	9
Figura 5 - Disposição de mesas e cadeiras em círculo -----	9
Figura 6 - Dimensões do ambiente em sala de aula -----	14
Figura 7 - Planta da sala de aula do 5º E -----	20
Figura 8 - Planta da sala de aula do 5º J -----	21
Figura 9 - Planta da sala de aula do 6º.B -----	22
Figura 10 - Trabalho a pares com barras fracionárias -----	32
Figura 11 - Resolvendo situação problema no quadro interativo -----	32
Figura 12 - Gráficos de barras expostos no <i>placard</i> -----	33
Figura 13 - Construção de um diagrama de caule e folhas nos computadores -----	34
Figura 14 - Preparação da letra F -----	36
Figura 15 - Legenda da constituição do microscópio -----	36
Figura 16 - Trabalhos de pesquisa sobre Salazar -----	37
Figura 17 - Identificação de atividade pelos vários setores -----	39
Figura 18 - Identificação de zonas de maior produção agrícola -----	39
Figura 19 - Maquete dos setores de atividade -----	39
Figura 20 - Dramatização da cena 1 da peça “Asa e a casa” -----	41
Figura 21 - Excerto de um relatório de atividade -----	43
Figura 22 - Planta da sala de aula do 4º. Ano -----	45
Figura 23 - Exemplos de recortes de jornais sobre o desrespeito pelas crianças -----	46
Figura 24 - Exemplos de cartazes e suas finalidades -----	46
Figura 25 - Exercícios de pintura de frações -----	48
Figura 26 - Exercícios de ligar a fração à sua respetiva leitura -----	48
Figura 27 - Dominó fracionário -----	49
Figura 28 - Imagem para construção de um esqueleto articulado -----	50
Figura 29 - Exemplo de um exercício interativo na escola virtual -----	50

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Resumo da observação na área da matemática -----	23
Quadro 2 – Resumo da observação na área de ciências naturais -----	24
Quadro 3 – Resumo da observação na área de português -----	25
Quadro 4 – Resumo da observação na área de história e geografia de Portugal -----	26
Quadro 5 – Resumo da intervenção na área de matemática -----	31
Quadro 6 – Resumo da intervenção na área de ciências naturais -----	35
Quadro 7 – Resumo da intervenção na área de história e geografia de Portugal -----	37
Quadro 8 – Resumo da intervenção na área de português -----	40
Quadro 9 – Descrição de uma aula de matemática -----	42
Quadro 10 – Descrição de uma aula de português -----	42
Quadro 11 – Descrição de uma aula de história e geografia de Portugal -----	43
Quadro 12 – Resumo da proposta de intervenção na área do português -----	45
Quadro 13 – Resumo da proposta de intervenção na área de matemática -----	47
Quadro 14 – Resumo da proposta de intervenção na área de estudo do meio -----	49

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Área curricular que leciona -----	27
Tabela 2 – Tempo de serviço -----	27
Tabela 3 – Formação académica -----	27
Tabela 4 – Influência da organização do espaço e recursos utilizados na leção das aulas -----	28
Tabela 5 – Tipologia de trabalho durante as aulas -----	28
Tabela 6 – Justificação da escolha relativa à tipologia de trabalho -----	28
Tabela 7 – Modo como gosta de organizar a sala de aula -----	28
Tabela 8 – Recursos que utiliza para dar as suas aulas -----	29
Tabela 9 – Recursos que usam com mais frequência -----	29
Tabela 10 – Justificação para a escolha dos recursos -----	30
Tabela 11 – Expõe habitualmente trabalhos dos alunos na sala -----	30

INTRODUÇÃO

A escola tem como papel fundamental educar e preparar os alunos para uma aprendizagem ao longo da vida. Assim, espera-se que esta seja capaz “de preparar para as aprendizagens e de as promover, mas jamais de resumir a educação escolar, nomeadamente, a científica, a uma apropriação de saberes por parte dos alunos” (Martins & Veiga, 1999:13).

Nesta perspetiva, todos os professores são criadores de mudança e de inovação. Cabe-lhes, assim, ter a noção de que a qualidade do ensino exige práticas educativas qualificadas e diversificadas e que coloquem em ação um conjunto de estratégias adaptadas às exigências e problemas da comunidade escolar. Neste sentido, é necessária uma permanente reflexão por parte dos docentes de forma a aumentar a sua capacidade de resposta educativa e qualitativa. Na sala de aula, o professor pode inovar através do modo como organiza o seu espaço de trabalho tendo em atenção os recursos didáticos que farão parte da aula, motivando/despertando assim os seus alunos para as aprendizagens.

No âmbito de inovar/diversificar e sair, efetivamente, da rotina, surge este Relatório Final que corresponde à última parte do processo de avaliação ao nível da formação no Mestrado em 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. O mesmo reflete o projeto desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada (PES) no 2.º Ciclo do Ensino Básico no Agrupamento D. Pedro I, mais concretamente, na escola EB.2/3 de Canidelo com uma carga horária de 400 horas e debruçar-se-á sobre a problemática encontrada em torno da organização do espaço educativo, nomeadamente, a sala de aula e nos recursos didáticos.

Neste sentido, os objetivos principais do projeto implementado em contexto de PES visam, sobretudo: i) evidenciar diferentes modos de organizar a sala de aula, ii) «quebrar» a rotina nas práticas letivas, iii) salientar diferentes recursos disponíveis para o professor utilizar na leção das aulas que o professor pode utilizar na sala para diversificar as suas práticas letivas. Acresce, ainda uma proposta de intervenção ao nível do 1.º Ciclo do Ensino Básico, mas na forma de proposta de intervenção passível de ser implementada, uma vez que o estágio (Prática Pedagógica) desenvolvido nesse nível de ensino ocorreu já há seis anos sendo possível obter a creditação na PES destinada ao 1.º

Ciclo do Ensino Básico, aquando do ingresso no Mestrado de 1º. e 2º. Ciclo do Ensino Básico.

Estruturalmente, este Relatório Final, divide-se em três capítulos. No primeiro capítulo consta o enquadramento teórico, que evidencia a questão do espaço educativo, os tipos de espaços e de uma forma mais vincada a questão da sala de aula. Destaca-se também os diferentes modos de organizar a sala que espelham o tipo de ensino praticado pelo professor e a correlação entre a sala de aula e os recursos que o professor pode usar nas suas práticas letivas tentando quebrar um pouco a rotina.

No segundo capítulo incluiu-se o enquadramento empírico referente à metodologia utilizada, nomeadamente, a de investigação-ação e sua importância em educação. Serão apresentados os instrumentos de recolha de dados utilizados para a parte do diagnóstico. Na parte do diagnóstico constam as conclusões obtidas a partir da leitura das grelhas de observação e dos questionários feitos às professoras orientadoras e a algumas professoras do 1º. Ciclo. Haverá a parte da intervenção, onde estão descritas as estratégias utilizadas de modo a explorar a problemática selecionada e a parte da avaliação dessa mesma intervenção no Centro de Estágio onde ocorreu a PES de 2º. Ciclo. Esta segunda parte termina com uma pequena caracterização do centro de estágio onde ocorreu a Prática Pedagógica (há já seis anos) e com a proposta de intervenção ao nível do 1º.Ciclo numa turma de 4ºano de escolaridade.

Por fim, no terceiro capítulo apresentam-se as considerações finais, refletindo-se sobre percurso académico, a questão da Prática de Ensino Supervisionada e o projeto implementado e a questão da profissionalidade docente, onde o professor é um eterno aprendiz.

CAPÍTULO 1- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 - O espaço educativo

“O espaço na educação constitui-se como uma estrutura de oportunidades. É uma condição externa que favorecerá ou dificultará o processo de crescimento pessoal e o desenvolvimento das actividades instrutivas”
(Zabalza, 2001:120).

O espaço na educação é um local onde se constroem relações que permitem a criação de situações pedagógicas levando a aprendizagens por parte dos alunos. Assim sendo, existem vários espaços para além da sala de aula onde podem ocorrer aprendizagens por parte dos alunos. Os espaços educativos são locais onde se desenvolvem ações que visam o desenvolvimento pleno do aluno e formação de cidadãos conscientes e responsáveis (Zabalza,2001). Pode, assim dizer-se que as práticas educativas “ocorrem em muitos lugares, em muitas instâncias formais, não-formais, informais (...) acontecem nas famílias, nos locais de trabalho, na cidade e na rua, nos meios de comunicação e nas escolas e não se reduz ao docente nas escolas” (Pimenta, 2002:29).

O espaço formal é todo aquele espaço estruturado que se situa em instituições próprias – escolas e universidades. Os espaços educativos formais são aqueles onde acontece o ato educativo, onde aprendemos, convivemos, ensinamos, do qual saímos para vivenciar outras realidades e onde acontece realmente o ensino e a aprendizagem (Brandão, 2007). Deste modo, “os espaços formais são os territórios das escolas, são as instituições regulamentadas por lei, certificadoras, organizadas segundo diretrizes nacionais, na qual são os professores que ministram as aulas” (Gohn, 2006:29). Compreende-se todo o espaço de uma escola: salas de aula, biblioteca, salas de estudo, salas de laboratório, etc.

No que se refere à sala de aula, Nóvoa (2005) afirma que a consolidação das formas de organização escolar que se mantêm na sua generalidade até hoje, datam do último terço do século XIX e refere os diferentes elementos e sua evolução, nomeadamente:

- Alunos agrupados em classes graduadas, com uma composição homogénea e um número de efetivos pouco variáveis;

- Professores atuando a título individual, com perfil de generalistas (ensino primário) ou de especialistas (ensino secundário);
- Espaços estruturados de ação escolar, induzindo uma pedagogia construída essencialmente no interior da sala de aula;
- Horários escolares rigidamente estabelecidos, que impõem um controlo social do tempo escolar.

Considerando-se, ainda, os espaços não formais que podem ser instituições e não instituições. Nas *instituições* estão incluídos os espaços que são regulamentados e que possuem uma equipe técnica responsável pelas atividades oferecidas, a saber: os Museus, os Centros de Ciência, os Parques Ecológicos, os Parques Zoo botânicos, os Jardins Botânicos, os Planetários, os Institutos de Pesquisa, os Aquários, os Jardins Zoológicos, as Bibliotecas, entre outros. Na categoria *não instituições*, estão os ambientes naturais ou urbanos que não possuem estrutura institucional, mas que permite a realização de práticas educativas (Jacobucci, 2008).

Neste sentido, os espaços não-formais devem servir como uma alternativa à prática pedagógica das escolas, já que estes espaços representam uma oportunidade para o processo ensino-aprendizagem dos estudantes, uma vez que tanto os espaços formais e não-formais têm o papel de educar (Pimenta, 2002). Considera-se todos aqueles locais que podem oferecer atividades que permitem aos alunos desenvolverem-se socialmente, onde a educação acontece de forma recreativa e mais diferenciada da educação escolar, que corresponde ao espaço mais formal e mais regulamentado.

Neste sentido, os museus e centros de ciências estimulam a curiosidade dos alunos. Esses espaços oferecem a oportunidade de suprir, ao menos em parte, algumas das carências da escola como a falta de laboratórios, recursos audiovisuais, entre outros, conhecidos por estimular assim as aprendizagens dos alunos. Estes espaços educativos diferenciam-se do espaço escolar por apresentarem, alguns de forma lúdica e interativa, produtos da experiência social e cultural de um determinado local. Além disso, dependendo do espaço, favorece ao aluno o contato direto com materiais, peças, relíquias, pinturas, esculturas que na sala de aula poderiam não ser visualizados ou apenas visualizados por meio virtual.

No caso dos museus que podem contribuir para que o aluno tenha uma visão ampliada da história, da cultura, do folclore e da arte de um determinado contexto. É possível visualizar o vestuário, os móveis, os objetos, a arquitetura, as peças de decoração utilizados em cada momento histórico e de que forma as transformações foram ocorrendo com o passar dos anos. Trata-se, portanto, de uma viagem no tempo, viagem esta que promove, além de novas aprendizagens, a aquisição da noção de tempo e espaço históricos (Gohn, 2006).

Neste âmbito, Gohn (2006) afirma também que os espaços não formais estimulam as aprendizagens de maneira diferenciada do espaço da sala de aula. O aluno participa de forma descontraída, sem cobranças e por ser ambiente que apresenta novidades, a curiosidade é constante. As possíveis perguntas surgem dessa curiosidade, são espontâneas e as respostas dadas pelos monitores existentes e/ou pelos professores podem agregar outros conhecimentos àqueles já adquiridos pelos discentes na sala de aula formal favorecendo que eles estabeleçam relações com as diferentes áreas do conhecimento.

Por último, refiram-se os espaços informais, que são espaços de possibilidades educativas no decorrer da vida dos indivíduos, como a família, tendo, portanto um caráter permanente. São espaços como a casa do aluno, a rua ou café por onde passa todos os dias, o próprio supermercado que vai com os pais, cinema e teatro, são espaços onde a pessoa adquire e acumula conhecimentos espontâneos ou naturais (Afonso, 1992).

Podemos, assim dizer, que os espaços informais são “a casa onde vive com a família, o bairro, o clube, o café onde está com os amigos, a igreja, a rua por onde passa que se encontram carregados de cultura próprias, de pertencimentos e sentimentos herdados” (Gohn, 2006:28). O espaço informal oferece a troca de saberes. Os alunos possuem vivências e aprendizagens adquiridas por meio destes espaços e, ao levá-las para a sala de aula, as dúvidas que podem existir, poderão ser esclarecidas.

Assim, os diferentes espaços educativos auxiliam no desenvolvimento cognitivo, uma vez que, por meio de suas ações, levam os alunos a estabelecer relações com diferentes áreas do conhecimento, e contribuem para que as aprendizagens sejam significativas.

1.2- Organização do espaço educativo formal – a sala de aula

1.2.1- Tipologia em função do trabalho a desenvolver

A organização do espaço possui um papel determinante, isto porque, permite a estruturação de todos os elementos que diretamente influenciam a aprendizagem dos alunos. Pretende-se, assim, que o espaço da sala de aula seja organizado de forma a regular a atitude educativa.

“O ambiente é um educador à disposição tanto da criança, como do adulto. Mas só será isso se estiver organizado de um certo modo. Só será isso se estiver equipado de uma determinada maneira” (Zabalza, 2001:19)

Quando pensamos na sala de aula e como deverá ser a sua organização há que refletir sobre algumas questões, nomeadamente:

- Que tipo de atividades se desenvolverá?
- Que espaço temos disponível?
- Que necessidades de espaço existem para determinadas atividades?
- Qual a melhor gestão do espaço disponível para a realização das atividades escolhidas?

Segundo Freitas (2008) é importante a questão da disposição das carteiras e das mesas no sentido que são fundamentais para contribuir com a aprendizagem de forma significativa. Elas devem mudar de posição de acordo com a aula que o professor planeie, atendendo aos seus objetivos e tendo em atenção a questão da interação com o outro e com os espaços. Assim sendo, há que planificar e gerir os espaços, na medida em que o ambiente de sala de aula é um poderoso fator que facilitará ou inibirá as aprendizagens e deverá estar organizado tendo em vista a atividade que se desenvolverá (Zabalza, 2001).

De facto, a organização do espaço da sala de aula reflete a ação pedagógica do professor, pelo que ele deve avaliar o seu próprio estilo de ensino: se gosta de ver todos os alunos ao mesmo tempo, se vai usar atividades em pequenos grupos, se vai lecionar com exposição a maior parte do tempo, ou outras formas (Arends, 2008). Assim sendo, este autor (Arends, 2008) define três tipos de ensino que condicionam a organização do espaço em sala de aula, nomeadamente:

- O modelo de ensino expositivo privilegia a explicação dos conteúdos e informações aos alunos, requer um ambiente muito estruturado, caracterizado por um professor bastante orador (dirigido) e por alunos que sejam apenas ouvintes. Deste modo, é necessária uma planificação e a gestão do espaço numa aula expositiva. Normalmente, os professores optam por colocar as mesas e cadeiras em filas e colunas (Figura 1).

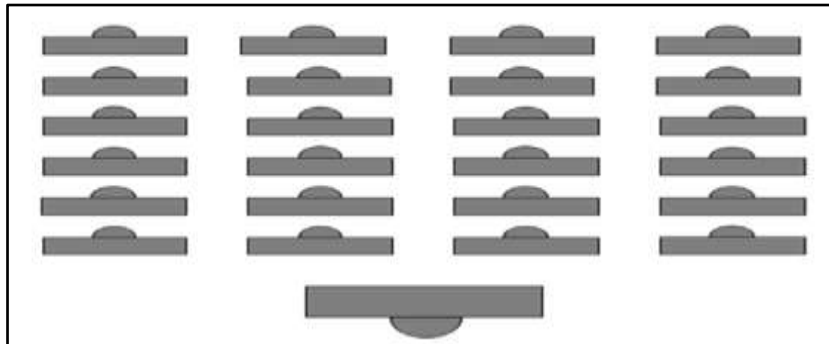


Fig. 1 – Disposição das mesas e cadeiras em filas e colunas (Arends,2008)

- O modelo de instrução direta, abordagem ao ensino de competências básicas e de conteúdos sequenciados, na qual as aulas têm objetivos muito orientados, requerem ambientes de aprendizagem firmemente estruturados pelo professor e orientados para a tarefa. Aqui as mesas e cadeiras podem estar em filas colocadas em linhas horizontais (Figura 2).

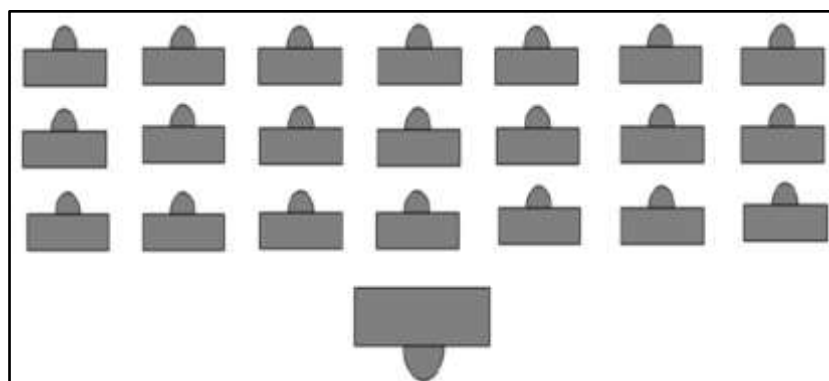


Fig. 2 – Disposição das mesas e cadeiras em linhas horizontais (Arends, 2008).

- O modelo de ensino designado como aprendizagem cooperativa/colaborativa, além de ajudar os alunos na aprendizagem de conteúdos e competências escolares, contempla metas e objetivos sociais e de relações humanas, surgindo a

necessidade de atribuir uma atenção especial ao uso do espaço na sala de aula e ao mobiliário móvel. O professor utiliza duas disposições para organização do espaço durante a aprendizagem cooperativa que são a das mesas e cadeiras em grupos. (Figura 3).

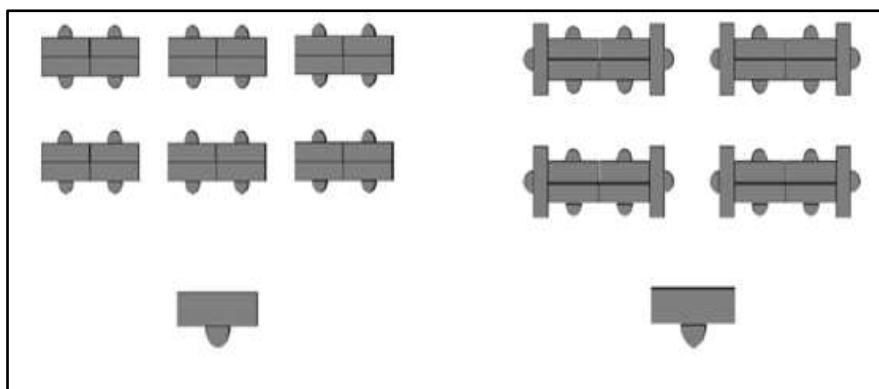


Fig. 3 – Disposição das mesas e cadeiras em grupos de 4 ou 6 alunos. (Arends, 2008).

Tanto no modelo expositivo como no da instrução direta, o tipo de ensino é de transmissão e está centrado no professor e não no aluno. O professor limita-se a expor os conteúdos programados e o aluno absorve todo esse conteúdo ou uma boa parte dele. As disposições do mobiliário nas Figuras 1 e 2 não possibilitam a discussão nem as atividades em pequenos grupos, ou seja, não favorecem o ensino centrado nos alunos e na interação dos mesmos.

O modelo de aprendizagem cooperativa, através do modo de organização do espaço em sala de aula privilegia uma maior interação entre os alunos e um ensino mais autônomo por parte do aluno e o professor gere e organiza os grupos com o trabalho que tem destinado para a sua aula. Independentemente do modelo de ensino que o professor utilizar, torna-se necessário recorrer ao diálogo ou à discussão/debate (Arends, 2008).

A discussão “é uma estratégia de ensino específico que pode ser utilizado por si só ou com uma série de modelos distintos” (Arends, 2008:412). Através do diálogo e da discussão, os alunos têm a oportunidade de expor o seu pensamento e os professores de corrigirem algumas falhas de raciocínio que os alunos possam ter.

Neste sentido, uma disposição que favorece claramente a discussão é a disposição das mesas e cadeiras em U e em círculo, pois permitem que os alunos se vejam uns aos outros, condição fundamental para a interação verbal (Figura 4).

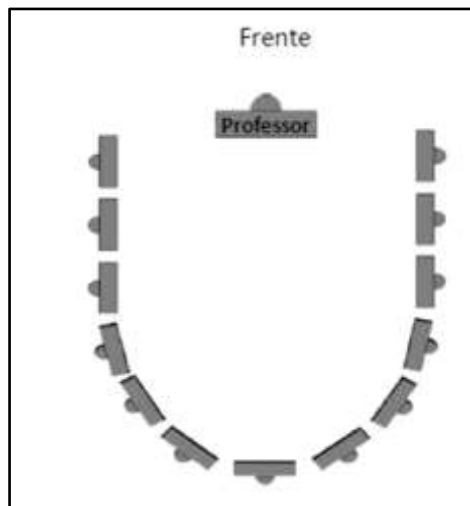


Fig. 4 – Disposição de mesas e cadeiras em U (Arends, 2008)

A questão da disposição em círculo melhora a interação livre entre alunos, permitindo-lhes conversarem livremente uns com os outros, e minimiza a distância emocional e física entre eles. Um senão deste tipo de disposição é que impede o professor de se movimentar livremente entre os seus alunos e/ou para o quadro (Figura 5).

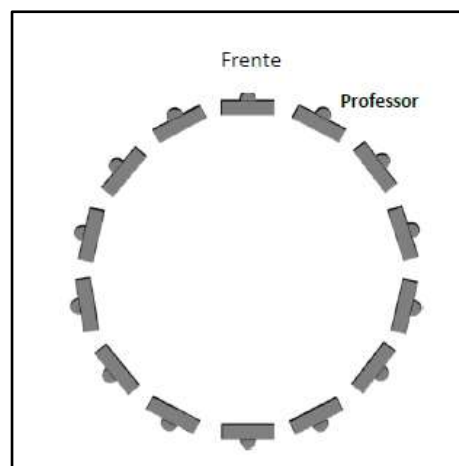


Fig. 5 - Disposição de mesas e cadeiras em círculo (Arends, 2008)

Tomando como base as várias disposições descritas, considera Arends (2008) que a organização do espaço da sala de aula reflete a ação pedagógica do professor, pelo que ele deve avaliar o seu próprio estilo de ensino: se gosta de ver todos os alunos ao mesmo tempo, se vai usar atividades em pequenos grupos, se vai lecionar com exposição a maior parte do tempo, ou outras formas.

O professor, ao pensar na organização da sala de aula tem de ter em conta que os alunos possam trabalhar de forma autónoma e em grupo, gerando assim ações de interação, colaboração e permitindo simultaneamente a orientação por parte do professor.

Tal como defendem Hohman & Banet (1997), os alunos precisam de espaço para manipular objetos e materiais, fazer explorações, criar e resolver problemas; espaço para exibir os seus trabalhos e ter adultos que se juntem para os apoiar nos mesmos objetivos e interesses no sentido de se atingir aprendizagens significativas. As paredes e os *placards* constituem um espaço útil e de grandes potencialidades (áreas de apoio), em que são fixados cartazes realizados pelos alunos e/ou professores.

Dentro da mesma ideia Verdini (2006) acrescenta que o espaço da sala de aula deve ser um lugar aprazível e ter as condições necessárias às diferentes aprendizagens. Para isso, é preponderante que estejam reunidas condições de ambientação, de cuidado com a sala, da sua preparação e adequação às práticas pedagógicas. O espaço constitui, ele mesmo, um elemento formador, como referencial de posturas e aprendizagens.

Neste enquadramento, a função do professor é “criar condições e participar no desenvolvimento do processo de comunicação que poderá contribuir para que os alunos realizem aprendizagens e possam vivenciar o processo de desenvolvimento pessoal e social subsequente” (Cosme & Trindade, 2013:45). Ainda neste âmbito, Barroso (2001) defende que a escola pública continua associada a um modelo escolar que se estrutura em torno do ensino em classe, organização esta que permite e se revela como o modelo mais racional e eficaz na construção de uma pedagogia coletiva.

Ainda a este respeito, refira-se que a adoção de métodos de ensino centrados na resolução de problemas específicos apoiados na experimentação, no trabalho de grupo e na crescente utilização das tecnologias de informação e comunicação é acompanhada pela descentralização do processo de ensino-aprendizagem transpondo o tempo e o espaço da sala de aula para espaços de maior interatividade, permitindo diferentes formas de aquisição e partilha de informação (Nóvoa, 2005).

Assim sendo, pode referir-se que não há uma única maneira de organizar o espaço da sala de aula, não há um que seja certo ou errado, mas de acordo com o momento e aquilo que se pretende para aquela aula, poderá ser necessário o uso de formas diversas

de organização que deem resposta ao que o professor pretende em sala de aula. O professor precisa saber exatamente qual é a intencionalidade da sua ação para definir as melhores estratégias, tendo em atenção a questão da organização do espaço em sala de aula como dos recursos que pretende usar, no sentido de diversificar as suas aulas enriquecendo-as (Zabalza, 2001; Piletti, 2006).

1.2.2- Os recursos – Conceito e classificação

Os recursos didáticos são “todos os materiais utilizados como auxílio no ensino-aprendizagem do conteúdo proposto para ser aplicado pelo professor aos seus alunos” (Souza, 2007:111). Chamorro (2003) refere que o recurso didático não é em si um conhecimento, mas o meio que auxilia a construção do conhecimento e a sua compreensão. É todo o material que pode ser manipulado e trabalhado pelo aluno de forma para alcançar aprendizagens.

Partilhando desta ideia, Piletti (2006) defende que os recursos de ensino são componentes do ambiente de aprendizagem que estimulam para o aluno. Neste sentido, os recursos de ensino “são recursos humanos e materiais que o professor utiliza para auxiliar e facilitar a aprendizagem, podendo ser também chamados de recursos didáticos, meios auxiliares, meios didáticos, materiais didáticos” (Karling, 1991:245).

Os recursos didáticos que sejam criados, produzidos e aplicados na ação educativa e que promovam o desenvolvimento do processo cognitivo são recursos que servem de apoio ao professor enquanto dá as suas aulas, a fim de os seus alunos estejam mais interessados, captando a sua atenção. Assim, os materiais didáticos podem ser classificados na perspectiva de Graells (2000) como:

- Materiais convencionais:
 - Livros, fotocópias, revistas, jornais, documentos escritos;
 - Quadro de ardósia ou magnético;
 - Jogos didáticos e puzzles;
 - Materiais manipulativos;
 - Materiais de laboratório;

- Materiais audiovisuais:
 - Diapositivos, acetatos, fotografias;
 - *Cd's*, cassetes, discos, programas de rádio, filmes, vídeos, programas de televisão;

- Novas tecnologias:
 - Computador e programas informáticos educativos (jogos, enciclopédias, simulações);
 - Internet (páginas *web*, *blogs*, passeios virtuais, *webquests*, *emails*, fóruns, *chats*);
 - Televisão/ vídeos interativos.
 - Quadro interativo

Dos vários recursos acima mencionados, há autores como Borrás (2001) que consideram que o vídeo e os cartazes são uma boa ferramenta de aprendizagem, na medida em que o vídeo serve para motivar os alunos, pois enquanto visualizam o filme podem tirar notas e a sua atenção é captada. Os cartazes servem “como ponto de referência e como chamada contínua de atenção, uma vez que os alunos o podem consultar sempre que desejem ou necessitem” (Borrás, 2001:303).

Relativamente aos jogos didáticos, os mesmos são ferramentas educacionais eficazes cujos objetivos são o de auxiliar a criança a obter um melhor desempenho nas suas aprendizagens através da utilização de uma metodologia espontânea, divertida e recreativa. O lúdico age também como uma forma de comunicação das crianças, transformando a aprendizagem numa forma de ver o mundo, respeitando os raciocínios próprios (Haigh, 2010).

Remetendo também para o quadro interativo, onde as aplicações interativas são essenciais para os professores que querem envolver os seus alunos numa aprendizagem com recurso à tecnologia. O quadro interativo é um dispositivo que combina essas qualidades, oferecendo experiências de aprendizagem (Educare, 2005)

Contudo, independentemente do modo como se designam, o que é importante considerar é a sua seleção e utilização de recursos didáticos, quando adequada, pensada de forma intencional, planificada e refletida, para assim ocorrer uma eficácia dos

processos de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, uma mais-valia para o sucesso das aprendizagens dos alunos.

Neste sentido, a utilização de qualquer material pedagógico precisa de ser pensada e refletida, quer quanto à sua adequação, às características particulares de cada criança ou grupo de crianças, seus interesses, conhecimentos prévios e vivências, quer quanto à natureza específica das competências e dos saberes curriculares visados. Assim, importa que os recursos didáticos sejam adequadamente selecionados, construídos e explorados por forma a promoverem aprendizagens ativas e significativas (Graells, 2000).

Dos vários recursos que o professor poderá usar na sua sala de aula é notório que os materiais didáticos são pouco utilizados, exceto o quadro, o giz e o manual escolar (Ponte, 1998).

1.3- Espaço e recursos didáticos em sala de aula- Papel do professor

A forma como os professores organizam e utilizam o espaço físico da sala constitui, ela própria, uma mensagem curricular, uma vez que reflete o seu modelo educativo. Assim, planificar e gerir os espaços, de um modo coerente com os nossos modelos metodológicos, reveste-se de uma grande importância dado que o ambiente se revela como um poderoso fator facilitador ou inibidor da aprendizagem (Zabalza, 2001).

Forneiro (2008) refere-se ao espaço como conteúdo curricular, apresentando três etapas constituintes do processo:

- 1º. - Espaço como local onde se ensina, no qual é esperado que o professor se adapte da melhor maneira possível;
- 2º. - Espaço como componente instrumental, o qual o professor altera se considerar importante relativamente às atividades a realizar, fazendo parte do projeto de formação como elemento facilitador;
- 3º. - Espaço como fator de aprendizagem, passando a fazer parte integrante do projeto formativo do professor e do processo de ensino e de aprendizagem.

A sala de aula deverá estar estruturada em quatro dimensões bem definidas, mas relacionadas entre si (Figura 6).

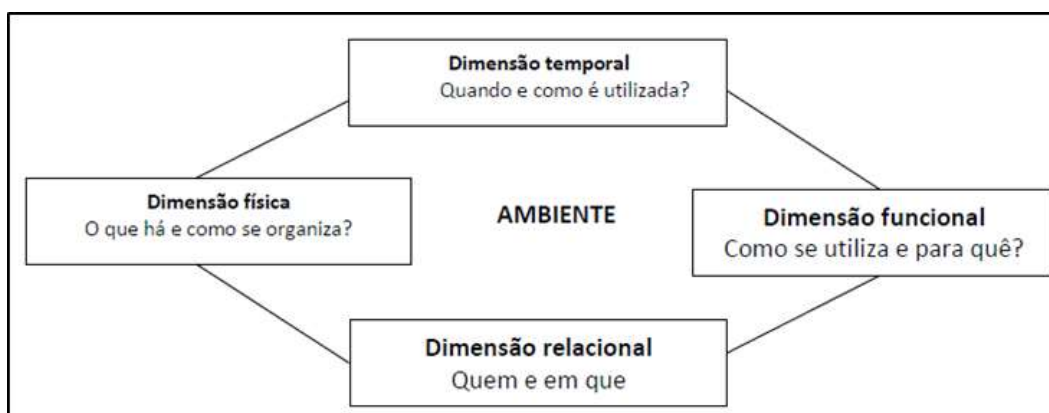


Fig. 6 - Dimensões do ambiente em sala de aula, adaptado de Forneiro (2008:234).

A dimensão física refere-se ao aspeto material do ambiente; dimensão funcional, que se relaciona com a forma de utilização do espaço; dimensão temporal, que reporta à organização do tempo, isto é, aos momentos em que serão utilizados os diferentes espaços, e dimensão relacional, que concerne às diferentes relações que se estabelecem. (Forneiro, 2008).

A organização da sala de aula tem influência no modo como os professores e os alunos pensam, sentem e se comportam. A sala de aula deve proporcionar autonomia e interação, possibilitando assim desenvolvimento, ampliação e construção de conhecimento (Barbosa & Horn, 2001). Essa mesma autonomia está a utilização dos materiais, carteiras e alunos, onde o espaço é um recurso importante que o professor deve planificar e gerir. A forma como o espaço é utilizado interfere no ambiente de sala de aula, influencia o diálogo e a comunicação, tendo efeitos emocionais e cognitivos importantes nos alunos. Essa organização reflete a ação pedagógica do professor, o tipo de ensino que pratica nomeadamente, um ensino dirigido, transmissivo, cooperativo e investigativo, pelo que ele deve avaliar o seu próprio estilo de ensino: se gosta de ver todos os alunos ao mesmo tempo, se vai usar atividades em pequenos grupos, se vai lecionar com exposição a maior parte do tempo, ou de outras formas (Arends, 2008).

Na sala de aula, para além de organizar o espaço, ao professor compete ter em atenção os recursos que vai utilizar. O professor desempenha um papel de extrema importância no que diz respeito à utilização dos materiais didáticos na sala de aula, na medida em

que será ele o responsável pela determinação do momento e da razão do uso de um determinado material. Socorrendo-se dos recursos, “o professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didáticos que estão ao seu alcance (...) onde o aluno manipula e assimila melhor o conteúdo (...) devendo planejar o que utiliza para (...) atingir os objetivos para a sua disciplina” (Souza, 2007:111). Neste âmbito, os recursos didáticos na visão de Piletti (2006:154) permitem:

- Motivar e despertar o interesse dos alunos;
- Favorecer o desenvolvimento da capacidade de observação;
- Aproximar o aluno da realidade;
- Visualizar ou concretizar os conteúdos da aprendizagem;
- Oferecer informações e dados;
- Permitir a fixação da aprendizagem;
- Ilustrar noções mais abstratas;
- Desenvolver a experimentação concreta.

A finalidade específica de todo o material didático é “abrir a cabeça, provocar a criatividade, mostrar pistas em termos de argumentação e raciocínio, instigar ao questionamento e à reconstrução” (Demo, 1998:45). Utilizando material didático adequado fica mais fácil de compreender determinado assunto em estudo. Mas é preciso saber qual será o melhor material, onde e como selecioná-lo e ainda, como usá-lo para que os alunos obtenham um melhor aproveitamento.

O professor não é o único transmissor do saber e tem de aceitar situar-se nas suas novas circunstâncias que, por sinal, são bem mais exigentes. O aluno também já não é mais o recetáculo a deixar-se recheiar de conteúdos. O seu papel impõe-lhe exigências acrescidas, aprendendo a gerir e a relacionar informações para as transformar no seu conhecimento e no seu saber (Alarcão, 2003).

Em suma, o professor tem de refletir sobre as suas práticas letivas e por isso quando da organização da sua sala de aula, tem de pensar se está de acordo com os recursos que vai utilizar tendo sempre em atenção o conteúdo que tem planificado para aquela aula.

CAPÍTULO 2 – ENQUADRAMENTO EMPIRICO

2.1-Metodologia

A palavra metodologia significa a “ (...) arte de dirigir o espirito na investigação” (Sousa, 2005:28). Portanto, a nível de metodologia foi utilizada a de investigação-ação. Segundo Esteves (2008) pode definir-se investigação-ação como sendo um processo dinâmico, interativo e aberto aos emergentes e necessários reajustes, provenientes da análise das circunstâncias e dos fenómenos em estudo.

Investigação-acção é uma metodologia dinâmica, e é considerada como uma espiral de planeamento e ação e busca de factos sobre os resultados das acções tomadas, um ciclo de análise e reconceptualização do problema, planeando a intervenção, implementando o plano, avaliando a eficácia da sua intervenção. (Matos, 2004).

“O principal objetivo da investigação num programa de formação é contribuir para a formação de uma atitude experimental. O professor, para poder intervir (...) terá de observar e problematizar (...) para posteriormente intervir e avaliar” (Estrela, 2008:26).

Neste sentido, a Prática de Ensino Supervisionada permitiu aplicar o projeto que, conforme já se referiu, passou por três fases distintas: o diagnóstico, a intervenção e avaliação dessa mesma intervenção. Na fase do diagnóstico foram utilizados dois instrumentos diferentes de recolha de dados que foram “(...) selecionados e estabelecidos de forma a permitir-lhe obter respostas. O instrumento é apenas a ferramenta que lhe permite recolher a informação, mas é importante que selecione a ferramenta mais adequada” (Bell, 2008:99).

Assim, na fase de diagnóstico, os instrumentos de recolha de dados foram as grelhas para o registo das aulas observadas das professoras cooperantes e um questionário (Anexo 1) que foi aplicado às três orientadoras cooperantes e a cinco professoras que lecionam o 1º. Ciclo do Ensino Básico.

A nível das grelhas de observação são importantes na medida em que, os métodos de observação são “(...) os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se reproduzem em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho” (Quivy & Campenhoudt, 2008:196).

Relativamente ao questionário, constitui-se como o instrumento mais universal na área das ciências sociais, que consiste num conjunto de perguntas sobre determinado assunto ou problema em estudo, cujas respostas são apresentadas por escrito e permitem obter informação básica ou avaliar o efeito de uma intervenção quando não é possível fazê-lo de outra forma (Coutinho *et al.*, 2009).

Tanto as grelhas de observação como os respetivos questionários foram uma forma de diagnosticar a problemática encontrada reforçando a escolha da temática deste Relatório Final. Com as grelhas pode-se observar o modo como as orientadoras cooperantes organizam as suas salas de aula, como o tipo de recursos que usam nas suas práticas letivas. Foi com base no que se observou que tentámos diversificar/ inovar em sala de aula, despertando os alunos para as aprendizagens. A prática da observação é essencial, pois é observando que se aprende a observar.

Relativamente à fase de intervenção, tentou-se diversificar os recursos, e mostrar diferentes modos em que a sala de aula podia estar organizada. Para que tal ocorresse teve-se em atenção, o conteúdo a lecionar, os recursos a utilizar e toda a atividade que queríamos levar a cabo. Durante o período de intervenção, refletiu-se sempre sobre o modo como tudo correu, de forma a suprimir falhas que possam ter acontecido, tentando sempre evoluir. A fase de intervenção é no fundo uma fase de aprendizagem, reflexões e problemas para os quais tentamos encontrar uma solução.

Seguidamente, a última fase, a de avaliação, reflexiva sobre tudo o que aconteceu, onde constam os pontos fortes e menos fortes da intervenção, justificados com a apresentação de comentários escritos pelos alunos aquando de descrições de aula e relatórios de atividade.

2.2- Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada no 2ºciclo

A Prática de Ensino Supervisionada ocorreu no 2º. Ciclo do Ensino Básico, no Agrupamento D. Pedro I, mais concretamente, na escola E.B 2/3 de Canidelo em duas turmas do 5º. e 6º. anos de escolaridade.

A presente secção pretende dar a conhecer o trabalho desenvolvido ao longo do estágio no 2ºCiclo do Ensino Básico durante o período de tempo correspondido de 13 de janeiro de 2014 a 6 de junho.

2.2.1- Caracterização do meio e da escola no 2ºCiclo de Ensino Básico

O Agrupamento de Escolas D. Pedro I abarca duas freguesias do Concelho de Vila Nova de Gaia, nomeadamente Canidelo e São Pedro da Afurada. Através da consulta do Projeto Educativo pudemos perceber que Canidelo é umas das 24 freguesias que integram o Concelho de Vila Nova de Gaia.

A escola tem 875 alunos que se encontram divididos em 37 turmas, das quais 13 são turmas do 5º. ano e outras 13 do 6º. ano. Tem também três turmas do 7º. ano, três do 8º. ano e três do 9º. ano, existindo também duas turmas dos cursos CEF, na área da pastelaria e panificação. Esta escola é constituída pelos pavilhões A, B, C, polivalente e balneários. No pavilhão A funciona o centro de recursos, duas salas de informática, a sala de música e a biblioteca bastante apetrechada de recursos tanto de caráter lúdico como didáticos. Os pavilhões B e C são onde ocorrem as aulas curriculares. Por fim, o polivalente, que é um lugar privilegiado para o apoio aos alunos, junto do qual funcionam os serviços do Gabinete de Intervenção Social (GIS), tentando dar resposta a situações de indisciplina.

A nível de salas de aulas, a escola tem salas muito amplas, cabendo em médio 30 alunos por sala. A nível de novas tecnologias não está apetrechada de quadros interativos em todas as salas, havendo apenas um quadro branco em todas e em algumas existem dois quadros brancos. Em cada existem dois *placards* em cortiça para a colocação de trabalhos feitos pelos alunos, há também armários para colocar materiais de apoio às aulas. Há duas salas de laboratório, mas a nível de material de laboratório, o mesmo é insuficiente para as necessidades. Nas salas de laboratório existem grandes *placards* de cortiça, onde estão expostos cartazes de editoras com alguns conteúdos programáticos.

A escola tem um projeto educativo TEIP intitulado: *D. Pedro @agir* tendo como objetivos primordiais a melhoria da qualidade de ensino, atenuando o abandono escolar.

2.2.2- Caracterização das turmas

- **Turma do 5º E**

A turma 5º E é constituída por 25 alunos, dos quais 16 são rapazes e 9 são raparigas, com idades compreendidas entre os 10 e 11 anos, sendo uma turma heterogénea. Existem casos específicos de mau comportamento identificados pela professora cooperante, sendo um dos casos, um aluno oriundo de uma família bastante desestruturada, o que poderá refletir assim o seu mau comportamento e, inclusive, o seu insucesso escolar.

Em conversas informais ocorridas com a professora cooperante, ao longo do período de estágio, foi referido que em casa havia pouco estímulo para estudar e para realizar os trabalhos de casa, e que se via claramente um desligamento por parte das famílias relativamente à escola, pelo que o projeto educativo espelha bem essa realidade e propõe várias medidas com vista a alterar esta situação.

A figura 7 evidencia o modo como a turma do 5º E se encontra organizada a nível de sala de aula nas aulas da responsabilidade da professora orientadora a Dr.ª. Teresa Martins ao nível das ciências naturais e da matemática. A sala tem um quadro interativo e um armário que se encontra vazio. Existem dois *placards* e apenas aquele que está junto ao quadro interativo é que tem trabalhos feitos pelos alunos na área da língua inglesa.

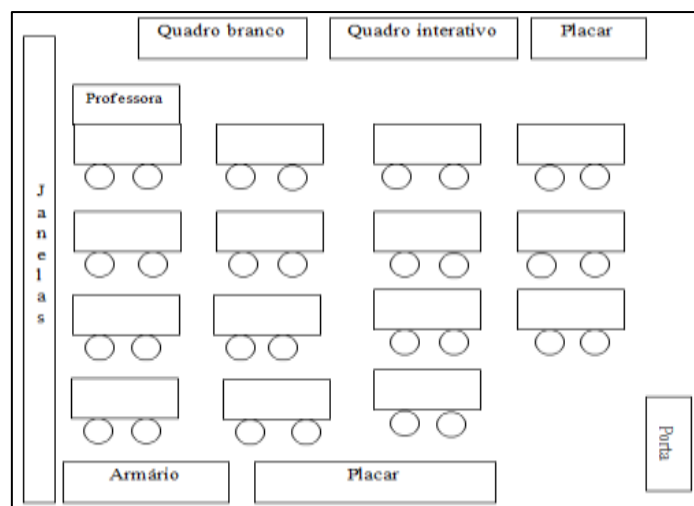


Fig. 7 – Planta da sala de aula do 5º. E

- **Turma do 5ºJ**

A turma 5ºJ é constituída por 25 alunos, sendo 13 rapazes e 12 raparigas com idades compreendidas entre os 10 e os 11 anos. Embora tenham sido contabilizados 13 rapazes,

um deles apenas está matriculado na turma, não frequentando as aulas por ter um ensino diferenciado (Necessidades Educativas Especiais).

É uma turma heterogénea mas em conversa informal com a professora cooperante, a mesma revelou que a turma revela pouco aproveitamento na área do português. Que eram alunos ainda imaturos e que tudo era pretexto para brincarem, originando a sua postura pouco flexível em sala de aula.

A figura 8 espelha o modo como se encontra a sala de aula organizada nas aulas de português da responsabilidade da professora orientadora a Dr^a. Ana Paula Oliveira. A sala não tem quadro interativo apenas está apetrechada de dois quadros brancos, dois placares para afixar trabalhos dos alunos e um armário para guardar recursos a usar em sala de aula mas encontrava-se na altura vazio.

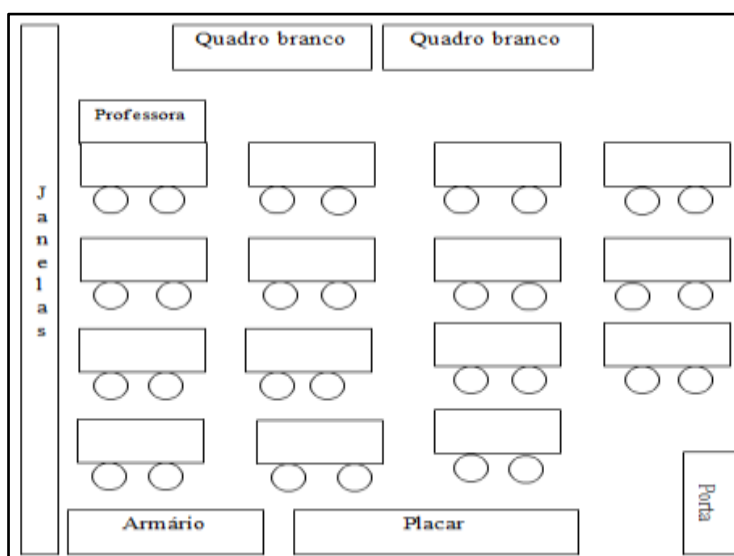


Fig:8 – Planta da sala de aula do 5º J

- **Turma do 6ºB**

A turma do 6º. B é constituída por 20 alunos, dos quais 8 são raparigas e 12 são rapazes com idades compreendidas entre os 11 e os 13 anos. Concretamente na sala de aula só estão 18 alunos visto dois deles terem Necessidades Educativas Especiais (NEE), pelo que frequentam outra sala de aula que melhor responderá às exigências das mesmas. É nesta turma que ocorre a Prática de Ensino Supervisionada na área de história e geografia de Portugal da responsabilidade da professora orientadora, a Dr^a. Ana Pratinha. Só nos blocos de quarenta e cinco minutos é que os alunos de Necessidades

Educativas Especiais estão presentes na turma. É uma turma heterogénea e sempre pronta a intervir.

A figura 9 mostra-nos como está organizada a sala de aula desta turma. Nela existe um *placard* de corticite para afixar os trabalhos feitos pelos alunos, um quadro branco e não há quadro interativo.

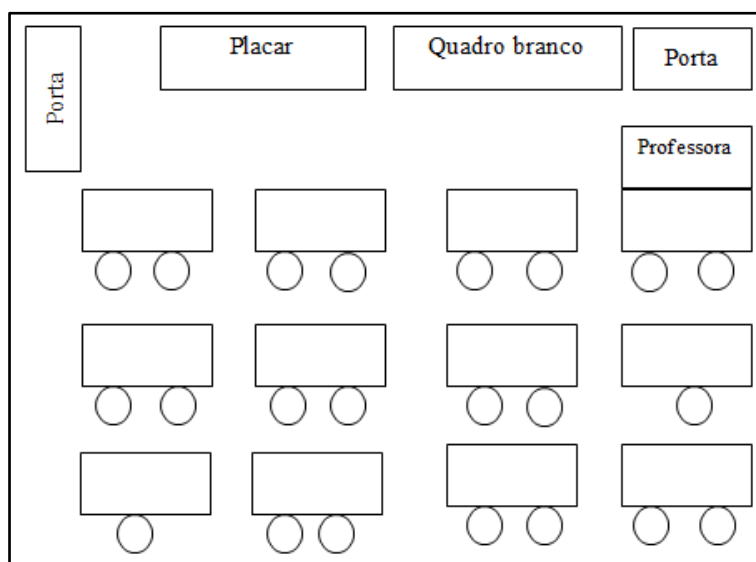


Fig. 9 – Planta da sala de aula do 6º. B

2.3- Diagnóstico

2.3.1- Observação das aulas em turmas do 5º. e 6º. anos de escolaridade


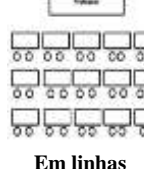
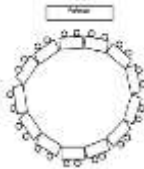
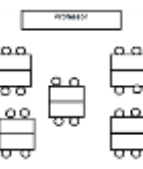
Um dos instrumentos de recolha de dados foram efetivamente as grelhas de observação feitas às cooperantes de matemática, ciências naturais, português e de história e geografia de Portugal relativamente ao modo como organização a sua sala de aula e os recursos que utilizam para dar as aulas.

No quadro1 são apresentadas as observações feitas nas aulas de matemática na turma 5º. E sob a responsabilidade da professora orientadora a Dr^a. Teresa Martins.

As aulas decorreram em blocos de 90 minutos. A nível de tipologia de organização de sala de aula, a professora orientadora manteve sempre a mesma (disposição das mesas e cadeiras em linhas horizontais).

A nível de recursos a professora alicerçou-se sempre no manual escolar, no caderno do aluno e no quadro branco. Nesta sala de aula existe quadro interativo mas nunca foi utilizado pela mesma, durante o período de observação das aulas.

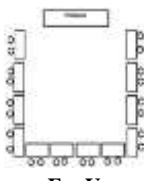

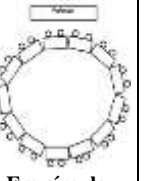
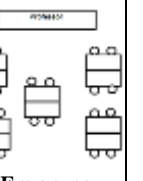
Quadro 1- Resumo da observação na área de matemática

Momentos de observação	Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e Materiais
		 Em U	 Em linhas horizontais	 Em círculo	 Em grupo	
14/01/2014	Bissetriz de um ângulo					-Material de desenho - Manual E. -Caderno do aluno - Quadro
31/01/2014	Ângulos correspondentes					- Manual E. - Material de desenho - Quadro branco -Caderno do aluno
7/02/2014	Frações equivalentes					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno
18/03/2014	Multiplicação e divisão de números racionais não negativos					-Quadro -Manual E. -Caderno do aluno
29/4/2014	Referencial cartesiano Gráfico de Linhas					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno
10/05/2014	Área do triângulo					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno

O quadro 2 evidencia a observação das aulas feita também na turma 5° E ao nível das ciências naturais nos blocos de 90 e 45 minutos. Ao longo das observações foi evidente que a docente não alterou em nenhum momento a organização da sala de aula, mantendo a disposição das mesas e cadeiras em linhas horizontais.

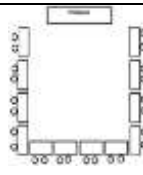
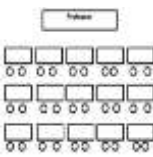
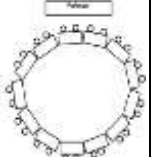
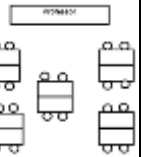
A nível de recursos socorreu-se, maioritariamente, do manual escolar e do quadro branco. É de salientar que na sala de aula existia um quadro interativo que nunca foi utilizado pela docente.

Quadro 2 – Resumo da observação na área de ciências naturais

Momentos de observação	Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e Materiais
		 Em U	 Em linhas horizontais	 Em círculo	 Em grupo	
17/01/2014	Migração, estivação e hibernação					- Manual E. - Caderno do aluno - Quadro
24/01/2014	Resolução de exercícios sobre o estudo “diversidade dos animais”					- Manual E. - Caderno do aluno - Quadro
31/01/2014	O caule de uma planta					- Manual E. - Quadro branco - Caderno Diário
14/02/2014	A flor Constituição da flor					- Quadro - Manual E. - Caderno diário
21/02/2014	As plantas e o meio					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno
28/04/2014	Reino dos Animais					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno

O quadro 3 remete-nos para as aulas observadas na área do português na turma 5º J em blocos de 90 minutos. Durante as aulas da responsabilidade da professora orientadora a Dr.ª Ana Paula Oliveira, a mesma manteve sempre a sala organizada do mesmo modo, nunca ocorreu uma aula de trabalho cooperativo, nem trabalho a pares. A nível de recursos usados, a mesma utilizou sempre o manual e o quadro branco e em algumas situações utilizou a escola virtual para dar as suas aulas.

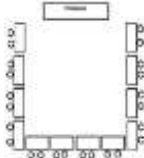

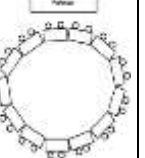
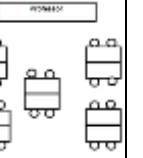
Quadro 3- Resumo da observação na área de português

Momentos de observação	Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e Materiais
		 Em U	 Em linhas horizontais	 Em círculo	 Em grupo	
15/01/2014	Elementos para-textuais Análise de um conto tradicional					- Manual E. - Caderno do aluno - Quadro
22/01/2014	Lenda – Tipologia de texto					- Manual E. - Quadro - Caderno do aluno
23/01/2014	As características da fábula					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno
29/01/2014	Verbos regulares e irregulares					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno
24/04/2014	O Diário					- Manual E. - Quadro branco - Escola Virtual
8/05/2014	Complemento direto e indireto					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno - Escola Virtual

Por último, no quadro 4 estão a observação das aulas ao nível da história e geografia de Portugal na turma do 6º B. As aulas ocorrem em dois blocos semanais, um de 90 minutos e um outro de 45 minutos.

A nível de organização da sala de aula, as cadeiras e mesas estiveram sempre em linhas horizontais mantendo-se sempre esta disposição para lecionar as suas aulas, a docente privilegiava o manual escolar e o quadro branco que servia para esquematizar o resumo da aula.

Quadro 4 – Resumo da observação na área de história e geografia de Portugal

Momentos de observação	Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e Materiais
		 Em U	 Em linhas horizontais	 Em círculo	 Em grupo	
14/01/2014	A Revolução de 5 de outubro de 1910					- Manual E. - Caderno do aluno - Quadro
21/01/2014	A Primeira República					- Manual E. - Quadro branco
23/01/2014	A 1ª Guerra Mundial e a instabilidade política					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno
1/04/2014	A constituição de 1976 e os órgãos do poder					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno
8/05/2014	Características da população portuguesa					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno
15/05/2014	Tipos de povoamento					- Quadro - Manual E. - Caderno do aluno

Em suma, todas as professoras orientadoras mantiveram uma rotina tanto ao nível da organização da sala de aula (mesas e cadeiras) como a nível dos recursos utilizados para dar as suas aulas, sendo o manual escolar e o quadro branco, os recursos de eleição.

2.3.2- Análise das respostas obtidas nos questionários às professoras

Como foi dito anterior na parte metodológica, foi elaborado um questionário a 8 professoras, nomeadamente, às três cooperantes onde decorreu a PES e a cinco professoras do 1º. Ciclo do Ensino Básico. O objetivo era compreender melhor o que pensavam sobre a questão da organização do espaço educativo, de um modo concreto, a sala de aula, e os recursos didáticos que usam nas suas práticas letivas.

A tabela 1 retrata, o nível de ensino que lecionam as professoras inquiridas: 62.5% lecionam o 1º Ciclo e 37,5% lecionam o 2º Ciclo do Ensino Básico.

Tabela 1- Nível de ensino que leciona

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
1º.Ciclo	5	62,5
2º.Ciclo	3	37,5

A tabela 2 inclui dados relativos à questão do tempo de serviço, sendo visível que todas as docentes inquiridas têm mais de 15 anos de serviço docente. Metade das professoras tem 21 a 30 anos de serviço, o que revela alguma experiência no ramo educacional.

Tabela 2- Tempo de serviço

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
Até 15 anos (inclusive)	1	12,5
de 16 a 20 anos	1	12,5
de 21 a 30 anos	4	50
de 31 a 40 anos	2	25

Relativamente à questão sobre a formação académica, a tabela 3 revela que todas as professoras possuem Licenciatura. Das inqueridas 37,5% têm Licenciatura em 1ºCiclo, 37,5% tem Licenciatura em 2ºCiclo com a variante matemática / ciências naturais e 25% tem Licenciatura em ciências históricas.

Tabela 3- Formação académica

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
Licenciatura em 1º. Ciclo	3	37,5
Licenciatura em 2º.Ciclo variante matemática e ciências naturais	3	37,5
Licenciatura em ciências históricas	2	25

Aquando da pergunta relativa ao modo como a organização do espaço e dos recursos utilizados podem influenciar a lecionação das aulas e por conseguinte as aprendizagens, na tabela 4 pode verificar-se que a organização do espaço e os recursos influenciam no modo como se vê a turma, permite captar a atenção dos alunos e levar a que participem mais.

Tabela 4- Influência da organização do espaço e recursos utilizados na lecionação das aulas

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
Visualização completa da turma	2	25
Captar a atenção dos alunos	3	37,5
Maior participação dos alunos	3	37,5

A tabela 5 revela que a tipologia de trabalho utilizada por metade (50%) das professoras é o trabalho de pares. A segunda tipologia mais usada é em grande grupo (37,5%) e, por último a tipologia de trabalho individual.

Tabela 5 - Tipologia de trabalho durante as aulas

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
Individual	1	12,5
Pares	4	50
Pequeno Grupo	0	0
Grande grupo (turma)	3	37,5

A tabela 6 explica os motivos apresentados para a escolha de uma das várias tipologias de trabalho acima mencionadas. Verifica-se que as duas razões apresentadas remetem para a facilidade em controlar a turma (50%) e a questão do trabalho a pares que leva à partilha de saberes por parte dos alunos com outros (50%).

Tabela 6 – Justificação da escolha relativa à tipologia de trabalho

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
Facilita o controlo	4	50
Partilha de saberes	4	50

A tabela 7 revela a escolha das inquiridas quanto ao modo como gostam de organizar a sua sala de aula. Destaca-se que as inquiridas preferem a disposição em U para as suas aulas (62,5%) e as restantes (37,5 %) preferem a disposição horizontal. É visível que a disposição em grupos e a disposição em círculo não fazem parte das suas preferências.

Tabela 7- Modo como gosta de organizar a sala de aula

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
Disposição em U (A)	5	62,5
Disposição horizontal (B)	3	37,5
Disposição em grupos de 4 (C)	0	0
Disposição em círculo (D)	0	0

Quanto aos recursos que as professoras usam para dar as suas aulas, a Tabela 8 mostra que o quadro branco, o manual escolar e o caderno de atividades do aluno representam os três principais recursos usados pelas oito inquiridas (100%). Dos restantes abaixo mencionados, o que revela menor percentagem é claramente o quadro interativo (50%) como recurso menos utilizado, seguido dos diapositivos (62,5%) e jogos didáticos (62,5).

Tabela 8- Recursos que utiliza para dar as aulas

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
Quadro Branco	8	100
Quadro interativo	4	50
Fotocópias	6	75
Filmes	6	75
Manual escolar	8	100
Caderno de atividades do aluno	8	100
Computador	7	87,5
Jogos didáticos	5	62,5
Cartazes	6	75
Material manipulável	6	75
Diapositivos	5	62.5

Quanto aos recursos que usavam para dar as suas aulas e quais os que usavam com maior frequência, a tabela 9 mostra que as professoras privilegiam em sala de aula o quadro branco, o manual escolar e o caderno de atividades do aluno com 100% da opinião das professoras.

Tabela 9 – Recursos que usam com mais frequência

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
Quadro Branco	8	100
Manual escolar	8	100
Caderno de atividades do aluno	8	100

Os motivos para tais escolhas estão patentes na tabela 10. Constata-se que todos (100%) dão como justificação a questão de ser um recurso acessível a todos os alunos, pois é um investimento que os encarregados de educação fazem no início do ano respeitante ao manual escolar. A questão do quadro branco e do caderno de atividades remetem para

questão de captar a atenção dos alunos e levá-los a uma consolidação dos conhecimentos

Tabela 10- Justificação para a escolha dos recursos

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
Acessível a todos os alunos	8	100
Captar a atenção	8	100
Consolidação de conhecimentos	8	100

Quanto à questão sobre se expõe trabalhos dos alunos na sala de aula, é claramente visível pela Tabela 11 que todas as inquiridas disseram sim, ou seja, têm por hábito expor trabalhos dos alunos na sala de aula.

Tabela 11- Expõe habitualmente trabalhos dos alunos na sala de aula

Categorias	Frequência	Percentagem (%)
Sim	8	100
Não	0	0

Quanto à última pergunta, que foi mais uma sugestão ou comentário que as mesmas quisessem deixar sobre o tema em questão, é de salientar que nenhuma teceu qualquer tipo de comentário ou sugestão.

De um modo geral, pode considerar-se que o manual escolar e o quadro branco são os recursos mais utilizados em sala de aula pelas professoras cooperantes inquiridas e que a sala de aula não sofre alterações no modo organizacional ao longo do ano letivo.

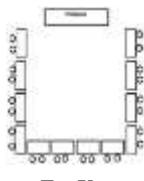
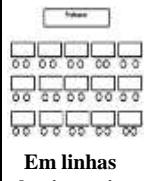
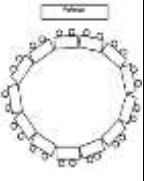
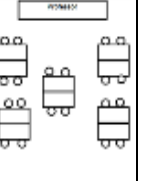
2.4 - Intervenção

Na planificação das aulas durante o período da PES, o professor deve mediar a aprendizagem utilizando estratégias facilitadoras, que levem a criança a tornar-se independente, preparando-a para um espaço de diálogo e interação (Garcia, 2007). Indo ao encontro da ideologia de Garcia (2007), a organização da sala de aula e os recursos que o professor poderá utilizar são importantes para motivar, despertar o aluno a aprender.

Neste sentido, este projeto de intervenção visa apresentar as aulas lecionadas nas quatro áreas, nomeadamente, na matemática, nas ciências naturais, no português e na história e geografia de Portugal. Apresenta-se para cada uma das áreas em questão, um quadro de intervenção com uma breve explicação de cada conteúdo lecionado e algumas fotos tiradas em momentos de intervenção que justificam o que aí foi feito.

Assim sendo, no quadro 5 apresenta-se de uma forma resumida, as intervenções feitas nas aulas de matemática com a turma 5º E. Na organização da sala de aula teve-se em atenção o conteúdo programático que se iria lecionar e o modo como o iríamos abordar de forma a tornar a aula motivadora e diferente para os alunos. As aulas foram alicerçadas em diferentes recursos e materiais didáticos, motivando/despertando os alunos para as aprendizagens, «quebrando» assim um pouco a rotina das práticas letivas.

Quadro 5- Resumo da intervenção na área de matemática

Momentos de intervenção	Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e Materiais
		 Em U	 Em linhas horizontais	 Em círculo	 Em grupo	
18/02/2014	Adição e subtração de números racionais					<ul style="list-style-type: none"> - Barras fracionárias - Quadro I. - Caderno - Ficha de trabalho
28/03/2014	Tabelas de frequências relativas e absolutas Gráfico de barras					<ul style="list-style-type: none"> - Power Point - Folhas A3 - Tabelas de registo - Questionários
23/04/2014	Diagrama de caule e folhas					<ul style="list-style-type: none"> - Jornais - Computadores - Power point - Caderno
30/05/2014	Desigualdade Triangular					<ul style="list-style-type: none"> - Quadro - Espátulas de madeira - PowerPoint - Ficha de trabalho - Grelha de registo - Tiras de cartolina, Madeira e palhas - Aitches

- *Aula sobre o conteúdo: Adição e Subtração de Números Racionais*

A aula iniciou-se com uma questão de partida em que os alunos foram dando múltiplas respostas para se iniciar o conteúdo proposto: adição e subtração de números racionais. Seguidamente, foram apresentadas algumas situações problema aos alunos, que tentariam a pares resolver com a ajuda das barras fracionárias (Figura 10) e outras situações problema foram resolvidas no quadro interativo (Figura 11).



Fig. 10 - Trabalho a pares com barras fracionárias



Fig. 11 – Resolvendo situações problema no quadro interativo

Tentou-se sempre levar o aluno à procura das respostas utilizando as barras fracionárias e trocando ideias com os colegas. Através da descrição da aula que lhes foi pedido, conseguiu-se colher dados, nomeadamente, se gostaram da aula, se a acharam diferente e a parte de irem resolver problemas no quadro interativo, foi a grande novidade, visto dizerem que nunca tinham “mexido” no quadro interativo.

- *Aula relativa ao conteúdo programático: tabelas de frequências relativas e absolutas e gráficos de barras*

A aula iniciou-se com algumas questões, conduzindo os alunos para o conteúdo que se pretendia para aquela aula. A sala foi organizada de modo a que os alunos trabalhassem em grupos de quatro elementos. Cada grupo tinha como tarefa analisar as respostas dadas à pergunta que lhes saiu no inquérito respondido na aula anterior e organizar os dados em tabelas de frequências absolutas e relativas.

Depois de tratados os dados, foram construídos gráficos de barras com os resultados que obtiveram. Os gráficos construídos foram expostos no *placard* da sala de aula de matemática no final da aula (Figura 12). Através da descrição que os alunos fizeram da

aula percebeu-se que os alunos gostaram da aula e de ver o resultado do seu trabalho exposto nos *placards* da sala.



Fig. 12- Gráficos de barras expostos no *placard*

- *Aula referente ao conteúdo: Diagrama de Caule-e-Folhas*

A aula cujo conteúdo programático foi o diagrama de caule e folhas foi organizada para ser passada em dois espaços distintos. Nos primeiros 45 minutos, os alunos estiveram na sala de aula habitual a recolher informação dos jornais de desporto sobre os pontos das equipas de futebol no campeonato português de futebol. Os outros 45 minutos foram passados na sala de computadores a trabalhar a pares na construção de um diagrama de caule e folhas. Recorreu-se a um objeto do dia-a-dia que é o caso do jornal para dar o diagrama de caule e folhas e através de um *PowerPoint* explicativo levá-los a perceber a finalidade da sua construção.

Os recursos utilizados foram o jornal, porque é algo familiar para eles e os computadores que são um valioso recurso que lhes desperta a atenção. As salas foram organizadas de modo a que as carteiras estivessem dispostas em grupo. Na sala dos computadores estiveram a construir os diagramas de caule e folhas para se proceder à leitura e análise dos resultados que cada par de alunos obteve (Figura 13).



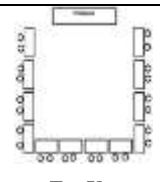
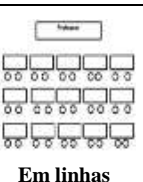
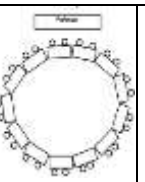
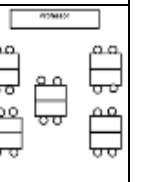
Fig. 13 - Construção do diagrama de caule e folhas nos computadores

- *Aula com o conteúdo programático: Desigualdade Triangular*

Neste conteúdo, a sala de aula foi organizada de modo a que as cadeiras e mesas estivessem dispostas de modo a trabalharem em grupo. Usou-se uma situação do dia-a-dia para justificar a importância que os triângulos têm na vida do Homem (Anexo 2). Trazer o dia-a-dia para a sala de aula é uma das formas de cativar, despertar a atenção do aluno. Levou-se para a aula as espátulas de madeira, que normalmente usam os médicos para ver a garganta para que, com a ajuda dos *atches*, tentassem construir triângulos e eles manipulando foram registrando as suas conclusões em grupo e discutindo com os colegas os resultados. A ideia era claramente, levar os alunos a descobrir o conceito de desigualdade triangular. Depois de chegaram ao conceito, foi-lhes dado vários materiais (tiras de madeira, cartolina e palhinhas e tentarem resolver em grupo, o problema em causa e vir apresentar à turma (Anexo 2). A aula foi rica em recursos e tentou-se mostrar ao aluno que podemos aprender matemática de forma divertida e sobretudo, partilhada.

O quadro 6 contém um resumo da intervenção feita nas aulas de ciências naturais também na turma 5ºE onde a tipologia de organização foi sempre de mesas e cadeiras dispostas em grupo. Foram-se utilizando diferentes recursos mediante cada conteúdo e tentando deixar um pouco de lado o manual escolar, na tentativa de se tornar as aulas mais dinâmicas por parte dos alunos.

Quadro 6- Resumo das intervenções nas aulas de ciências naturais

Momentos de intervenção	Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e Materiais
		 Em U	 Em linhas horizontais	 Em círculo	 Em grupo	
7/02/2014	Classificação das folhas					- Ficha de classificação de folhas - Tabuleiro - folhas de plantas - Power Point
14/03/2014	Microscópio e sua constituição					- Microscópio -Quadro interativo - Material de laboratório - Folhetos - Guião de registo
9/05/2014	Constituintes do solo					- Carta de planificação -Aquário - Pá - Garrafas de plástico - Algodão - Gobelés /provetas - Etiquetas - Copos de café - Tipos de solo

- *Aula destinada à exploração do microscópio*

Na aula reservada para a abordagem do microscópio, os alunos estiveram a mexer no microscópio e a perceber as diferentes partes que o compõe. Os alunos organizados em grupo partilham muitas experiências, trocam e respeitam diferentes opiniões. De seguida, os alunos estiveram a observar a letra "F" ao microscópio preenchendo o guião de registo da atividade prática (Anexo 3), sendo eles a fazer a preparação da letra a ser vista ao microscópio (Figura 14). Ainda nesta aula, os alunos preencheram no quadro interativo as partes que compõem o microscópio (Figura 15). Para trabalho de casa

levaram um panfleto para completarem com os cuidados a ter com o microscópio e também um crucigrama sobre as partes pelas quais é constituído o microscópio.



Fig. 14 - Preparação da letra "F"



Fig. 15 - Legenda da constituição do microscópio

- *Aula sobre o conteúdo: Tipos de Solo*

A aula sobre os tipos de solo foi muito rica em recursos didáticos e também levou a uma organização da sala de aula para que se pudesse fazer uma atividade experimental. Os alunos ajudaram na construção do perfil de solo e questionavam bastante sobre os vários horizontes que compõe o solo. Posteriormente, na atividade experimental sobre os solos, os alunos preencheram a carta de planificação (Anexo 4) e criaram eles próprios a questão problema. Um aspeto menos positivo na planificação da aula, foi ter-se verificado que a escola a nível de laboratório não dispunha de todos os materiais de que necessitava, mas essa situação foi ultrapassada a partir do momento em que se utilizou material reciclado para testar a permeabilidade dos solos. Foram feitos registos fotográficos de tudo aquilo que foi feito durante esta aula que foi muito rico em recursos como também a nível de experimentação e retirada de conclusões relativamente aos solos (Anexo 4).

Apresenta-se, seguidamente, o quadro 7 que evidencia algumas das intervenções feitas na área de história e geografia de Portugal na turma 6º B. Tentou-se sempre que possível alterar a organização da sala de aula mas nem sempre essa situação foi bem aceite pela cooperante, em virtude “do barulho que os mesmos faziam”. A nível da história e geografia de Portugal, a sala apenas pôde estar organizada em linhas horizontais e em outras, com a disposição em grupo. Houve sempre que possível uma tentativa de

mostrar que as aulas de história podem ser estimulantes, dinâmicas e “não monótonas como em conversas informais os alunos referiam. Foram usados vários recursos por forma a despertar o interesse e atenção dos alunos para saberem mais sobre história.

Quadro 7 - Resumo das intervenções na área de história e geografia de Portugal

Momentos de intervenção	Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e materiais
		Em U	Em linhas horizontais	Em círculo	Em grupo	
11/02/2014	Salazar e o Estado Novo					- Jornais - Vídeos - PowerPoint - Panfleto
25/03/2014	O programa MFA e a independência das colónias					- Power Point - Jogo didático - Folhas A3 - Puzzle - Vídeio - Certificados - Bandeiras
18/05/2014	Os setores de atividade					- Sopa de letras - Cartolinas - Mapa de Portugal - Power Point - Imagens

- *Aula sobre o conteúdo: Salazar e o Estado Novo*

Nesta aula, através dos jornais levados para a aula, os alunos estiveram a analisar todo o processo de censura que vigorava no período de Salazar. Estiveram a apresentar a pesquisa que lhes tinha sido solicitada na aula anterior e foram expostos os trabalhos nos *placards* da sala de aula (Figura 16).



Fig. 16 - Trabalhos de pesquisa sobre Salazar

Usou-se o vídeo para estimular a atenção e desenvolver o espírito crítico sobre o que o aluno está a ver e levá-lo a questionar. O *PowerPoint* foi utilizado de modo a sintetizar o que já tinha sido abordado. Posteriormente, os alunos em grupo estiveram a responder a alguns exercícios. É importante motivar e despertar os alunos para os conteúdos de história, no sentido de perceberem a finalidade de conhecer certos pontos importantes da história do próprio país e não só, criando também o gosto pela pesquisa.

- *Aula sobre o conteúdo: Programa MFA e a Independência das Colónias*

A aula sobre o Programa Movimento das Forças Armadas e a Independência das colónias, foi uma aula em que as mesas e cadeiras estiveram dispostas por forma aos alunos trabalharem em grupo para fazerem um puzzle a fim de encontrarem respetivas datas de Independência de cada uma das Ex-Colónias Portuguesas. Apresentação aos alunos de um *PowerPoint* explicativo de alguns pontos pertinentes sobre o tema que estávamos abordar. Visualizaram um vídeo, com o intuito de analisarem os testemunhos de pessoas que vivenciaram o momento da descolonização. Levou-se para a sala de aula um jogo intitulado “O descolonizador” que levou os alunos a verificarem se tinham compreendido todo o processo de descolonização e permitiu que alguns alunos tirassem dúvidas. (Anexo 5). No final do jogo, os alunos receberam cada um, um diploma de participação no jogo “O descolonizador” em papel. Foi uma aula com uma grande diversidade de recursos, «quebrando» um pouco a rotina, dinamizando as aulas para que os alunos ao entrarem se sintam motivados a aprender (Anexo 5).

- *Aula sobre o conteúdo: Os Setores de Atividade*

Esta foi uma outra aula, em que as mesas e cadeiras da sala estiveram dispostas para o trabalho de grupo, cada grupo tinha um conjunto de imagens e estiveram a preencher no placar as atividades que faziam parte de cada setor de atividade (Figura 17) e conversou-se um pouco sobre cada um dos setores. Foi uma aula muito prática e de deslocação dos alunos pela sala. Estiveram também a colar produtos agrícolas no mapa para identificarem zonas de maior produção dentro da agricultura, nomeadamente, setor primário (Figura 18).



Fig. 17 - Identificação de atividades pelos vários setores



Fig. 18 - Identificação de zonas de maior produção agrícola

Ainda nesta aula, os alunos com os materiais que trouxeram de casa (recortes, plasticina, placas de madeira, entre outros) estiveram a construir da forma que entendiam, os setores de atividade. Houve um grupo que fez uma maquete dos setores de atividade (Figura 19). Esta aula teve continuidade na aula seguinte de 45 minutos.



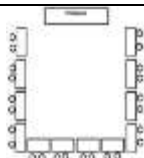
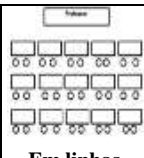
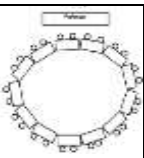
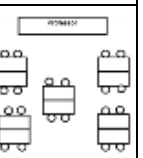
Fig. 19 - Maquete dos setores de atividade

Ao circular por cada grupo, ia-se percebendo pelo que informalmente falavam que estavam a gostar e poderem trabalhar em grupo, visto não estarem habituados. E para trabalho de casa tiveram uma sopa de letras sobre algumas espécies de peixe que são pescadas no nosso país.

Nesta turma criou-se um *blog* (<http://historiadores6b.blogspot.pt/>) para partilhar os trabalhos que iam sendo feitos pelos alunos ao longo da intervenção (Anexo 6).

Finalmente, no quadro 8 consta o resumo da intervenção na área do português com a turma 5ºJ. Nesta turma foi um pouco complicado organizar a sala de acordo com aquilo que se pretendia mas calmamente as coisas foram acontecendo. A turma quando saía da organização habitual, empolgava-se de tal forma que muitas das vezes sentia-se muita dificuldade em dar a aula, especialmente controlar a sua euforia. Esta turma tinha pouco estímulo para a área do português e evidenciava-se em alguns casos severas dificuldades de aprendizagem.

Quadro 8 – Resumo das intervenções na área de português

Momentos de intervenção	Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e Materiais
		 Em U	 Em linhas horizontais	 Em círculo	 Em grupo	
28/04/2014	Banda Desenhada					<ul style="list-style-type: none"> - Livros - Revistas - Jornais - Folhas A3 - <i>Power Point</i> - Excerto de uma história - Guião de trabalho
15/05/2014	Texto Dramático					<ul style="list-style-type: none"> - Obra “ A Asa e a casa” - Papel de cenário - Biombo - Fantoches - Livro de atividades - Adereços
05/06/2014	Publicidade					<ul style="list-style-type: none"> - Computadores - <i>Power Point</i> - Filmes - Jornais - Revistas - Panfletos

Em todas as aulas acima mencionadas tentou-se diversificar os recursos e organizar a sala de forma a trabalhar em grupo em certos momentos e noutros a pares. Quando era necessária trabalho a pares, a disposição utilizada era mesas e cadeiras em U e quando a aula era mais de carácter cooperativo, a sala era disposta de forma às mesas e cadeiras estarem em grupo. Das aulas acima, destaca-se a aula referente ao texto do dramático. A sala de aula foi organizada por forma a colocar-se o cenário próprio para que houvesse

uma dramatização por parte dos alunos (Figura 20). Descobriu-se que alguns alunos tinham imenso jeito para o teatro face ao modo como estavam a dramatizar.



Fig. 20 - Dramatização da cena 1 da peça “ A asa e a casa”.

Em modo de conclusão, em todas estas intervenções tentou-se trazer algo de novo, em certos casos, mais interativo. É de salientar que no 2º. Ciclo a questão dos alunos terem aulas sempre em salas diferentes, condiciona a organização da mesma, na medida em que, o organizar mesas e cadeiras para o que se pretende acaba por retirar um pouco de tempo à própria aula e claro, no final, o professor tem de deixar a sala de aula da mesma forma que a encontrou para o seu colega que entra no tempo seguinte. Importa referir que a utilização de recursos diversificados em sala de aula, motiva, desperta e entusiasma para as aprendizagens, que se espelha nas descrições de aula que fazem, onde tecem os seus gostos.

2.5-Avaliação da Intervenção

Como neste projeto se procurou seguir uma metodologia de investigação - ação chegou-se, assim, à última fase especificamente, a parte avaliativa. Portanto, a investigação - ação é uma metodologia dinâmica que consistiu no diagnóstico, na intervenção e por último avaliando a eficácia dessa mesma intervenção. A forma como se avalia é crucial para a concretização do projecto educacional (Luckesi, 2002).

Neste sentido, para avaliar o nosso projeto foi colocada aos alunos em algumas aulas, uma questão, que consistia mais numa descrição da aula e em outros casos, foi-lhes pedido um relatório da atividade realizada. Pretendeu-se avaliar se os mesmos estavam

a gostar das aulas, o que lhes estava mais a despertar a atenção e se, efetivamente, consideravam que estavam a ter aulas dinâmicas, interativas e diversificadas.

Na área de matemática notou-se que sentiram diferenças no modo como decorreram as aulas, no que toca aos recursos utilizados e a questão de trabalharem a pares, como se pode ver no depoimento abaixo (Quadro 9).

Quadro 9 - Descrição de uma aula de matemática

Data: 18/02/2014

Descreve a tua aula de hoje de matemática.
(O que aprendeste? E como? Com que recursos?)

Nesta aula aprendi a resolver problemas de fração com as barras fracionárias. Eu e os meus colegas trabalhamos a trabalhar a pares resolvendo problemas e criamos problemas para os colegas resolverem. Alguns foram ao quadro interativo resolver alguns exercícios. Foi a 1ª vez que mexemos no quadro interativo. Eu gostei muito da aula, foi diferente.

É de destacar a expressão do aluno: “a aula foi diferente”, o que acaba por ser revelador que se «quebrou» um pouco a rotina. Uma outra expressão ilustrativa é: “Foi a primeira vez que mexemos no quadro interativo”. De facto, a sala de aula estava apetrechada com este recurso mas não se usa e quando se usava.

Relativamente à organização da sala, constatou-se que os alunos reconheceram isso aquando da alteração no modo como estavam as mesas e as cadeiras na sala (Quadro 10) mediante a frase do aluno “(...) a professora mexeu nas mesas”.

Quadro 10 – Descrição de uma aula de português

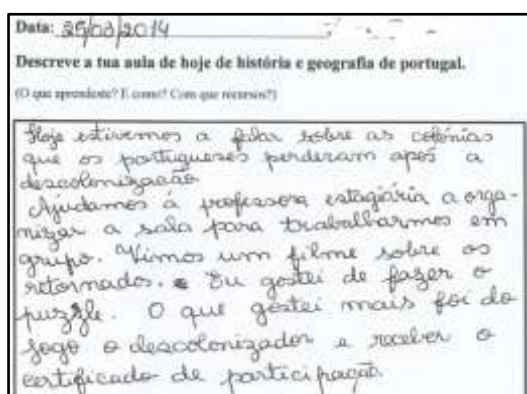
Data: 22-04-2014

Descreve a tua aula de hoje de português.
(O que aprendeste? E como? Com que recursos?)

Nesta aula aprendemos como se contava uma banda desenhada. A professora estagiária mostrou onde podíamos encontrar banda desenhada. Vimos um powerpoint com regras. A professora deu um pânfleto com regras para depois respeitarmos quando da mandarem fazer uma. Gostei desta aula, foi fixe. Trabalhamos 13 em grupo, a professora mexeu nas mesas.

Os alunos como estão tão habituados ao uso sistemático do manual escolar, quando há um jogo em sala de aula, até mesmo um simples puzzle, eles gostam muito, podemos verificar através do comentário: “ O que mais gostei foi do jogo o descolonizador e receber o certificado” (Quadro 11). Na verdade, premiar os alunos com algo que os incentive a querer aprender é gratificante.

Quadro 11 - Descrição de uma de história e geografia de Portugal



Relativamente ao relatório da atividade é de salientar, o pormenor com que o fazem e isso demonstra que efetivamente estiveram atentos ao que ali aconteceu (Figura 21) e claro está que para isso acontecer, o aluno tem de ser motivado e considera-se que isso aconteceu nas quatro áreas.

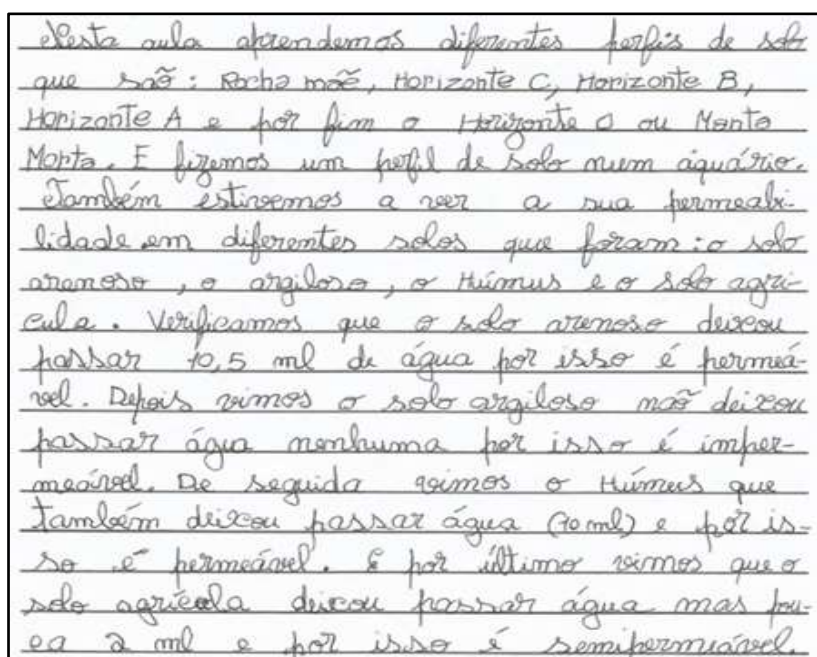


Fig. 21 - Excerto de um relatório de atividade

Em suma, poderiam ter sido feitas mais atividades e imprimir maior diversidade quanto ao modo de organizar a sala de aula. Todavia, a questão tempo condicionou de certa forma a nossa atuação. Mesmo assim, considera-se que esta intervenção pode constituir um pequeno contributo para que haja mudanças nas nossas salas de aula - «quebrar» a rotina - levando os alunos a terem gosto e vontade de aprender.

2.6 - Caracterização da Prática de Ensino Supervisionada no 1º Ciclo

Uma vez que a professora já possuía a Licenciatura de Professor do 1ºCiclo do Ensino Básico concluída no ano letivo 2007/2008, foi-lhe possível obter acreditação na Prática de Ensino Supervisionada destinada ao 1ºCiclo do Ensino Básico, aquando do ingresso no Mestrado do 1º e 2ºCiclo do Ensino Básico.

Mesmo assim, recuando ao momento da Prática Pedagógica desenvolvida no 1º. Ciclo do Ensino Básico, importa referir que o mesmo teve duração de 300 horas e foi realizado na Escola Básica da Póvoa, pertencente ao Agrupamento de Escolas de Paços de Brandão.

2.6.1- Caracterização do contexto – meio, escola e turma

A Escola Básica da Póvoa, em Paços de Brandão pertencente ao concelho de Santa Maria da Feira, é uma escola do tipo centenário com dois pisos. Tem duas entradas independentes. Possui-a quatro salas de aula, uma no primeiro piso e três no rés-do-chão. A nível de salas de aula, as mesmas estavam apetrechadas com mesas e cadeiras, armários e algum material tecnológico (televisão, vídeo e retroprojector) e também material didático, concretamente as caixas métricas, carimbos, mapas, globos, livros didáticos, geoplano, blocos lógicos e figuras geométricas. As paredes das salas tinham *placards* de corticite onde eram expostos cartazes com conteúdos programáticos oferecidos às escolas pelas editoras e também trabalhos que os alunos iam fazendo.

A turma era formada por 14 crianças, nomeadamente 11 meninas e 3 meninos, onde 13 alunos frequentavam o quarto ano e um outro frequentava o terceiro ano de

escolaridade. A figura 22 mostra a planta da sala de aula da turma do 4º ano, mais concretamente como estava organizada em termos de mesas, cadeiras e *placards*.

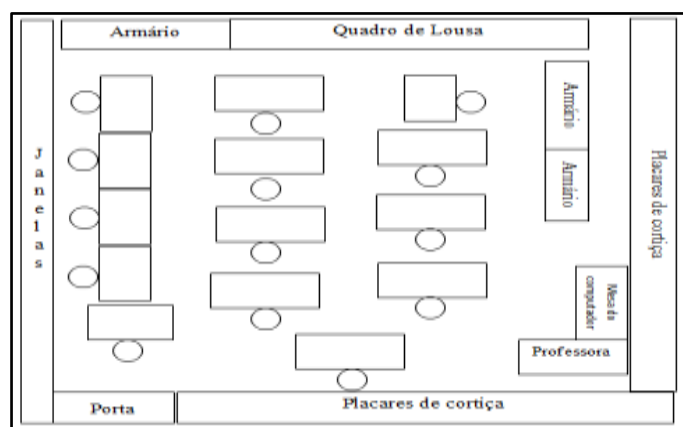


Fig. 22 – Planta da sala de aula do 4º. ano

2.6.2- Proposta de intervenção no 1º. Ciclo

O quadro 12 apresenta algumas propostas de intervenção que seriam possíveis implementar numa turma de 4º ano na área do português, e enquadradas na temática escolhida.

Quadro 12 – Resumo da proposta de intervenção na área do português

Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e materiais
	Em U	Em linhas horizontais	Em círculo	Em grupo	
Texto Dramático					-Quadro interativo - Papel de cenário - Acessórios para encenação - Sopa de letras -Autoscopia
A carta					- Cartas - Quadro interativo - Computador
O cartaz					- Retroprojeter - Cartazes -Televisão - Vídeo - Jornais

- Aula destinada à exploração do tópico: O Cartaz.

A aula começaria com a visualização de um vídeo (<http://www.youtube.com/watch?v=dOqqF3UCOmM>) sobre os direitos das crianças para captar a atenção dos alunos. Para a visualização do filme, as mesas e as cadeiras estariam dispostas em U. para uma maior interação entre os alunos. Após a visualização do vídeo, surgiria um momento de diálogo para Os alunos, a pares, recortariam de jornais, notícias em que os direitos das crianças não tivessem sido respeitados (Figura 23). O objetivo era que posteriormente construíssem um cartaz sobre “Os direitos das crianças”.



Fig. 23 – Exemplo de recortes de jornais sobre o desrespeito pelas crianças

Para isso organizava-se a sala de aula de modo a que trabalhassem em grupos, permitindo uma maior interação entre todos e promoção do trabalho cooperativo em sala de aula. Cada grupo construía o seu cartaz para mostrar à turma e explicar porque o fez daquela forma. Através do retroprojetor projetavam-se imagens de cartazes já feitos para terem noção de aspetos a ter em atenção na elaboração do cartaz e as finalidades que o cartaz (Figura 24).

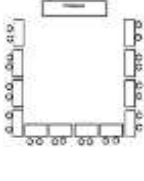
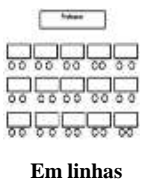
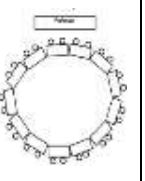
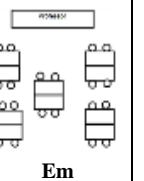


Fig. 24 – Exemplos de cartazes e suas finalidades

Os cartazes seriam para posteriormente serem expostos nas entradas da escola aquando do Dia Mundial da Criança (1 de junho).

No quadro 13 apresenta-se um resumo de intervenções que seriam possíveis na área da matemática organizando a sala de aula de acordo com o conteúdo que se iria lecionar e na diversificação dos recursos e materiais motivando o aluno para aprender e rentabilizando o espaço. Utilizando situações do dia-a-dia, mostrando que a matemática está presente na nossa vida sem muitas vezes nos apercebermos disso.

Quadro 13- Resumo da proposta de intervenção na área da matemática

Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e materiais
	 Em U	 Em linhas horizontais	 Em círculo	 Em grupos	
Perímetros					- Quadro interativo - Imagens de estádios de futebol - Caderno diário - Computador
Frações					- Quadro interativo - Dominó de frações - Caderno diário - Discos fracionários
Ângulos					- Material de geometria - Tiras de cartolina - <i>Ataches</i> - Magalhães

- *Aula destinada à exploração do tópico: Frações*

A aula iniciaria com a apresentação da seguinte situação no quadro interativo: “A mãe do Rui preparou um bolo para o lanche que vai oferecer ao seu filho e aos seus oito amigos. Ela vai dividir o bolo por todos. Que parte vai comer cada um?” As respostas

dadas pelos alunos seriam anotadas no quadro e registradas no caderno diário. Ser-lhes-ia explicada a representação de fração e das partes que dividem a fração, nomeadamente: numerador e denominador Os alunos iriam ao quadro interativo pintar frações e ligar frações à sua respetiva leitura (Figuras 25 e 26).

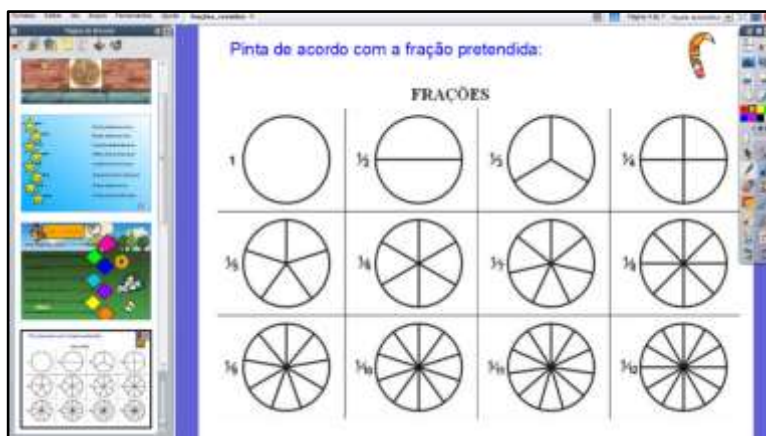


Fig. 25 - Exercício de pintura de frações



Fig. 26 - Exercício de ligar a fração à sua respetiva leitura.

Por fim, seria distribuído um dominó fracionário para jogarem dois a dois (Figura 27). Para esta aula, as mesas e cadeiras estariam dispostas em linhas horizontais, para que assim os alunos trabalhem a pares. A utilização do quadro interativo, dos discos fracionários e do dominó tinham como finalidade primordial envolver o aluno de uma forma mais interativa e lúdica, subjacente à intenção de aprendizagem.

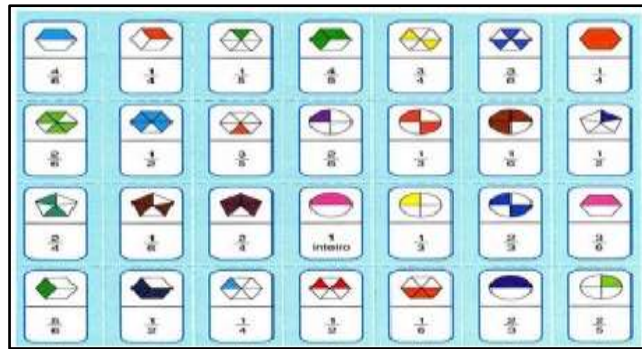


Fig. 27 – Dominó fracionário

Por último, temos o quadro 14 com o resumo da intervenção na área do estudo do meio, onde se apresentam também formas de organizar as mesas e as cadeiras em sala de aula tendo em atenção a atividade que queremos para a aula e os recursos que vamos utilizar.

Quadro 14- Resumo da proposta de intervenção na área de estudo do meio

Conteúdo	Tipologias de organização de sala de aula				Recursos e materiais
	Em U	Em linhas horizontais	Em círculo	Em grupos	
O esqueleto humano					-Ataches - Imagens de ossos - Cartolina - Magalhães - Filme - Escola Virtual
A água					- Cartolinas - Filme - Imagens - Revistas
Circuito elétrico					-Carta de planificação - Pilha 1.5V - Lâmpada - Fio elétrico - Maçã - Sumo - Copo - Pedra - Clipe - Lápis -Borracha

- Aula destinada à exploração do tópico: esqueleto humano

A aula iniciaria com a visualização de um vídeo (<http://www.youtube.com/watch?v=nyvx0ufDUsk>) sobre “Era uma vez ... o corpo humano, no sentido de os alunos perceberem os ossos que fazem parte do esqueleto humano e também da importância de cuidar dos ossos, mantendo uma alimentação saudável. Depois, para uma melhor compreensão do nome dado a cada osso, os alunos iriam montar a pares o respetivo esqueleto articulado com recurso a cartolina, *atches* e imagens de ossos.

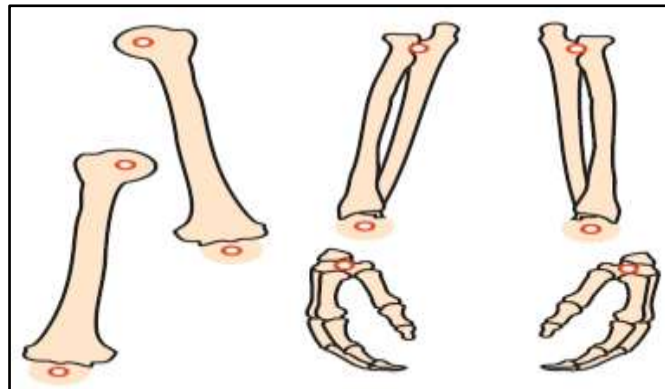


Fig. 28 – Imagem para construção de esqueleto articulado

Os alunos posteriormente iriam usar o computador Magalhães para fazerem atividades didáticas ligando-se à escola virtual, para assim consolidarem melhor os vários ossos que constituem o esqueleto humano e poderem tirar algumas curiosidades referentes aos ossos (Figura 29). Para estas atividades, as mesas e as cadeiras estariam dispostas em U, para uma maior interação entre todos, a fim de que se pudessem ver melhor uns aos outros. Os recursos utilizados visavam captar a atenção fugindo um pouco ao manual escolar e ao caderno diário.



Fig. 29 – Exemplo de um exercício interativo da escola virtual

Todas estas intervenções visam diversificar os recursos em sala de aula, tentando levar para a sala de aula algo de novo, dinâmico, interativo e privilegiar diferentes disposições organizacionais em sala de aula tendo como objetivo final o de «quebrar» a rotina”. De facto, aliada à motivação dos alunos, há sempre subjacente a intenção da aprendizagem por parte dos professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

3.1 – O Percurso Académico...

Este percurso académico primou-se pela vontade e pelo desejo de aprender cada vez mais. Em determinada altura, depois de um período de interregno por razões profissionais, sente-se a necessidade de fazer uma atualização de forma a desenvolver as novas competências na área da educação.

Assim sendo, estes dois anos pelos quais se pautou este Mestrado em 1º.e. 2º.Ciclos do Ensino Básico foram muito importantes na medida em que houve uma atualização e ao mesmo tempo um conhecimento sobre as novas metodologias de ensino em sala de aula para a promoção de aprendizagens por parte dos alunos, visto a ter sido feita a Licenciatura há já seis anos atrás. Permitiu um maior conhecimento de caris científico das novas áreas curriculares que o professor tem que lecionar.

Assim, durante todo este Mestrado as cadeiras de carácter didático concluídas no 1º.ano de Mestrado permitiram abarcar toda uma teoria que posteriormente foi colocada em ação, aquando da realização da Prática de Ensino Supervisionada, nomeadamente no 2ºCiclo que se iniciou no 2ºano de mestrado. Há toda uma teoria que foi colocada em prol do processo educativo fomentando a capacidade interventiva do professor para desenvolver assim novas técnicas e refletindo diariamente sobre as suas práticas, tentando gradativamente aperfeiçoar.

É de conhecimento geral que a importância dada à componente reflexiva na formação de professores tem vindo a ser alvo de vários estudos realizados nos últimos tempos, tanto a nível da formação inicial de professores, como na sua formação contínua (Vieira &Vieira, 2006).

A aprendizagem do professor será contínua, pois na educação haverá sempre novas técnicas e conceitos para os quais o professor tem de se manter constantemente atualizado e em permanente formação para não estagnar e não ser ultrapassado pela passagem do tempo. Partilhando desta ideia, Nóvoa (2002:23) defende que “o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: a própria pessoa, como agente, e a escola, como lugar de crescimento profissional permanente”.

Em suma, todo o percurso formativo do professor são “iniciativas que procuram reforçar o papel do professor como investigador” (Nóvoa, 2002:27), levando o professor a refletir e avaliar como meio de aperfeiçoar as suas práticas educativas.

3.2 – A Prática de Ensino Supervisionada...

A questão de avaliar e refletir começa a iniciar-se na Prática de Ensino Supervisionada, onde os primeiros passos de reflexão e avaliação são colocados ao futuro professor. Neste sentido, a Prática de Ensino Supervisionada é a “componente curricular da formação profissional de professores cuja finalidade é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver as competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável” (Formosinho, 2002:98).

Assim, a Prática de Ensino Supervisionada é nada mais do que um eixo articulador entre teoria e prática. Esta é entendida, portanto, como a oportunidade em que o professor em formação entra em contacto com a realidade profissional, com todas as suas implicações inerentes a este processo, onde irá actuar, para conhecê-la e para desenvolver as suas competências e habilidades necessárias à aplicação dos conhecimentos teóricos e metodológicos trabalhados ao longo do curso.

Todas as ações dos professores implicam necessariamente, uma planificação rigorosa de cada ponto que configura a planificação das aulas. De facto, os professores devem ter em atenção nas suas práticas aspetos tais como: i) o espaço onde ocorre o processo educativo (modo organizacional), ii) a turma que tem à sua frente, iii) o conteúdo que pretende lecionar, e iv) os recursos/materiais que vai utilizar para o fazer e como fazer. Após findar a sua aula, o professor tem de avaliar a forma como decorreu a sua aula e tentar perceber se conseguiu chegar aos seus alunos ou não. Refletir e avaliar de maneira a corrigir pontos que não correram como o esperado de forma a melhorar, ou em certos casos alterar a sua metodologia. É através da ação que o professor pode desenvolver-se, apesar de ser um processo de mutação que leva, o seu tempo e que passa pela alteração das atitudes, conhecimentos e formas de trabalhar, ou seja, refletir implica ter consciência daquilo que se pensa sobre o que se faz e envolve, simultaneamente, a procura de soluções lógicas e racionais para as problemáticas, envolvendo intuição, emotividade e interação (Almeida, 2005).

Assim sendo, durante a PES, pretende-se alcançar competências para desenvolver os conteúdos constantes dos programas das unidades, com vista ao desenvolvimento de competências no sentido de refletir em torno do Aprender a Ser, do Aprender a Fazer e do Aprender a Estar enquanto Profissional em Educação.

3.3 - O Projeto...

A Prática de Ensino Supervisionada permitiu que este projeto de intervenção fosse possível. Foi com base no que observamos que podemos intervir, reforçando a ideia de que o nosso projeto poderia «quebrar» a rotina das práticas letivas fomentando a interatividade entre os alunos, motivando-os a aprender.

Considera-se que a questão: tempo e os alunos terem que mudar sistematicamente de sala quando passam de uma área curricular para outra, condicionou um pouco a intervenção. No 1º Ciclo, o professor permanece sempre na mesma sala de aula durante o tempo letivo e se não terminar o que tem proposto, pode continuar no dia seguinte, no mesmo ponto em que ficou, há uma maior flexibilidade. No 2º. Ciclo, as coisas processam-se de maneira diferente, na medida, em que, as aulas são quase como um cronómetro de tempo, quando o professor entra na sala de aula com a sua turma, não se pode desviar muito senão é surpreendido pelo toque da campainha e o que planificou fazer com os seus alunos ficou muito aquém do desejado e o professor tem de deixar a sala de aula da mesma forma que a encontrou para o outro colega que entra a seguir.

É de salientar que o uso de diferentes recursos / materiais didáticos fomenta as aprendizagens, motivando-os muitas vezes a querer saber mais. Segundo Lima (2008) uma das grandes virtudes da motivação é melhorar a atenção e a concentração, nessa perspectiva pode-se dizer que a motivação é a força que move o sujeito a realizar actividades. Ao sentir-se motivado o indivíduo tem vontade de fazer alguma coisa e se torna capaz de manter o esforço necessário durante o tempo necessário para atingir o objectivo proposto. Nesse sentido, tendo como objetivos, os mencionados no início do trabalho, consideramos que foram cumpridos mas ainda haveria muito mais a ser feito.

É importante inovar a cada dia que passa na sala de aula, os alunos atualmente exigem muito do professor e o professor tem de ser capaz de responder, a essas mesmas exigências, diversificando a suas práticas, «quebrando» a rotina em que muitas vezes se

instala. A questão dos recursos e da organização da sala de aula são um pequeno detalhe que pode fazer a diferença nas práticas letivas de um professor, por isso considera-se este projeto uma pequena migalha para que haja mudança.

3.4 – A Profissionalidade Docente...

Muitos são os desafios que se colocam atualmente ao professor. “O maior desafio pedagógico que um professor tem que enfrentar é o planeamento e implementação do processo de construção de tais oportunidades (...) àqueles que aprendem” (Cosme & Trindade, 2013:46). O professor na sua profissão tem de planear para posteriormente implementar e isso muitas vezes não é tarefa fácil e exige do professor uma capacidade reflexiva bastante grande.

No fundo, o professor, quando adquire a sua habilitação profissional, está longe de ser considerado um profissional acabado e amadurecido, na medida em que os conhecimentos que adquiriu ao longo da sua formação inicial são insuficientes para o exercício das suas funções ao longo da carreira, reconhecendo, assim, a necessidade de crescimento e de aquisições diversas, assumindo ele próprio o comando do seu desenvolvimento (Ponte, 1998).

Efectivamente, na opinião de Day (2007), o desenvolvimento profissional contínuo de professores sempre foi necessário para aqueles que trabalham na escola, dadas as mudanças no currículo, nas abordagens de ensino e nas condições de trabalho. Há uma necessidade desta nova visão do professor como profissional em permanente desenvolvimento advindo especialmente das mudanças constantes da sociedade atual e das teorias educacionais e pedagógicas.

Hoje, preconiza-se o ensino como uma atividade de equipa em constante desenvolvimento, no seio escolar, assente na investigação, na produção de conhecimentos, remetendo “para tarefas complexas próprias de analistas simbólicos e não para a execução de tarefas simples e repetitivas, obedecendo à execução de procedimentos prescritos e monitorizados” Canário (2007: 15).

É necessário que o professor trabalhe em equipa. O professor tem de estabelecer o diálogo reflexivo numa dimensão coletiva (um grupo de professores), permitindo

melhores condições profissionais e emocionais para experimentar, partilhar e refletir nas suas práticas profissionais, na perspetiva de construir saberes docentes essenciais ao desempenho profissional (Herdeiro, 2007). Muitas vezes, o professor instigado pela situação complexa em que o colocam, vê-se na necessidade de mudar a sua postura profissional, de aperfeiçoar as suas práticas e de refletir em grupo, porque a sua experiência profissional de docente pode não ser suficiente.

Para finalizar, indo ao encontro da ideia anterior, Roldão (2007) defende que a reflexão entre pares encaminha os professores para uma análise e discussão (avaliado e avaliador) face às situações pedagógico-didáticas vivenciadas e à produção de interpretações suscetíveis de serem reinvestidas e confrontadas na ação, permitindo ao professor evoluir gradativamente como profissional de educação e para a educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Afonso, A. (1992). *Educação básica, democracia e cidadania: dilemas e perspectivas*. Porto: Afrontamento.

Alarcão, I. (2003). *Professores Reflexivos em Uma Escola Reflexiva*. São Paulo: Editora Cortez.

Almeida, M. (2005). *Caminhos para a inclusão humana*. Porto: Edições Asa.

Arends, R. (2008). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill.

Barbosa, M. & Horn, J. (2001). *Organização do espaço e do tempo na escola infantil*. Porto Alegre: ArtMed.

Barroso, J. (2001). *O século da escola – entre a utopia e a burocracia*. Porto: Edições Asa.

Bell, J. (2008). *Como realizar um projecto de investigação – Um guia para a pesquisa em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.

Borrás, L. (2001). *Recursos e técnicas para a formação do século XXI*. Marina Editores.

Brandão, C. (2007). *O que é Educação*. São Paulo: Editora Brasiliense.

Canário, R. (2007). *Formação e desenvolvimento profissional dos professores*, in Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, Conferência Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida. Lisboa

Chamorro, M. (2003). *Didáctica de las matemáticas para primária*. Madrid: Pearson Educación.

Correia, V. (1995). *Recursos Didácticos*. Lisboa: Companhia Nacional de Serviços.

Cosme, A. & Trindade, R. (2013). *Organização e Gestão do trabalho pedagógico: Perspetivas, Questões, Desafios e Respostas*. Porto: Mais Educação.

Cosme, A. (2009). *Representando a sala de aula – novas formas de organização do tempo e do espaço pedagógico*. Revista Aprendizagem: a revista da prática pedagógica, nº 12, pp. 20-21.

Day, C. (2001). *Desenvolvimento Profissional de Professores*. Os desafios da aprendizagem permanente. Porto: Porto Editora.

Demo, P. (1998). *Educar pela pesquisa*. Campinas: Autores Associados.

Educare Hoje, (2005) – revista de divulgação da Porto Editora.

Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora

Formosinho, J. (2002). *A supervisão na formação de professores I - Da Sala à Escola*. Porto: Porto Editora.

Forneiro, M. (2008). Observación y evaluación del ambiente de aprendizaje en educación Infantil: dimensiones y variables a considerar. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=80004705>>, consultado em 9/08/2014.

Freitas, J. (2008). *A organização do espaço escolar favorece a qual aprendizagem?*. Disponível em <http://www.humus.com.br/revistas/2008-8.pdf>, consultado em 8/08/2014.

Garcia, S. (2007) *Mediação da aprendizagem. Contribuições de Feuerstein e de Vygotsky*. Curitiba: Serviço Nacional de aprendizagem industrial.

Garms, G. (2005). *Trabalho diversificado no cotidiano da educação infantil*. In: Guimarães, C.M. (Org.). *Perspectivas para a educação infantil*. 1ª ed. Araraquara:

Gil, A. (1999). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Graells, P. (2000). *Los medios didácticos*. Disponível em <http://dewey.uab.es/pmarques/medios.htm>, consultado a 25/08/2014.

Gohn, M. (2006). *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, vol. 4, n. 50.

Haigh, A. (2010). *A Arte de Ensinar*. Coleção Ciências da Educação. Editora: Academia do Livro.

Herdeiro, R. (2007). *Práticas reflexivas e desenvolvimento profissional*. Um estudo de caso com professores do 1º CEB. Dissertação de Mestrado, Instituto de Educação e Psicologia. Braga: Universidade do Minho.

Hohman, M. & Banet, B. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Jacobucci, D. (2008). *Contribuições dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica*. Revista em extensão, vol. 7. Uberlândia, pp. 55 – 66.

Karling, A. (1991). *A didáctica necessária*. São Paulo: Ibrasa.

Luckesi, C (2002). *Avaliação da aprendizagem escolar*. 14ª Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

Martins, I. & Veiga, M. (1999). *Uma análise do currículo da escolaridade básica na perspectiva da educação em ciências*. Lisboa: Instituto de Investigação Educacional.

Matos, J. (2004). *Investigação-acção*. Disponível em <http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jfmatos/mestrados/ucp/investigacao%20acciao.ppt>, consultado em 20/08/2014.

Nóvoa, A. (2005). *História da Educação*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

Nóvoa, A. (2002). *Formação contínua de professores. Projectos educativos. Prática Pedagógica*. Editora: educa.

Nóvoa, A. (2001) *Evidentemente. Histórias da Educação*. Porto: Edições Asa.

Piletti, C. (2006) *Didática Geral*. 23ª Ed. São Paulo: Ática.

Pimenta, S. (2002). *Pedagogia: caminhos e perspectivas*. São Paulo: Ed. Cortez.

Ponte, J. (1998). *Investigação em educação e desenvolvimento curricular*. Lisboa

Projeto Educativo. (2014) Disponível em:
http://www.dpedro.net/images/estrutura_site/documentos_fundamentais/proj_educativo_teip.pdf, consultado em 15/01/2014

Quivy, R. & Campenhout, L. (2008). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva.

Roldão, M. (2007). *Formação de professores baseada na investigação e prática reflexiva*, in Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, Conferência Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida. Lisboa.

Sousa, G. (2005). *Metodologia da investigação, redação e apresentação de trabalhos científicos*. Porto: Livraria Civilização editora.

Verdini, A. (2006). *A sala de aula como espaço de leitura significativa*. Disponível em:
http://www.leiabrasil.org.br/old/material_apoio/formacao_leiturasignificativa.htm,
consultado em 11/ 8 /2014.

Vieira, C. & Vieira, R. (2006). *Produção e validação de atividades de laboratório promotoras do pensamento crítico dos alunos*. Revista Eureka 3, pp. 452-466.

Zabalza, M. (2001). *Didáctica da educação infantil*. Rio Tinto: Edições Asa.

ANEXOS

ANEXO 1 – Questionário realizado às
professoras

QUESTIONÁRIO

Manuela Ricardo Neves, estudante do 2º ano do curso de Mestrado em Ensino do 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico, no Instituto Piaget – Vila Nova de Gaia, está a desenvolver o Relatório Final de Estágio cujo tema se centra na *Organização do espaço educativo* e para o qual necessita da sua colaboração no preenchimento deste questionário.

1. Nível de ensino que leciona: _____ Tempo de serviço: _____

Formação académica _____

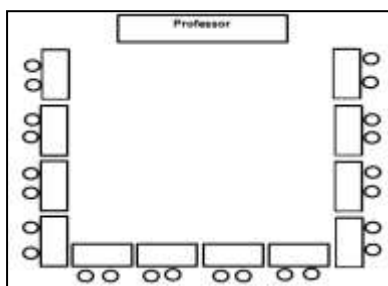
2. A seu ver, de que forma a organização do espaço e os recursos utilizados podem influenciar a lecionação das aulas e, por conseguinte, as aprendizagens? _____

2.1. Que tipologia de trabalho privilegia durante as aulas?

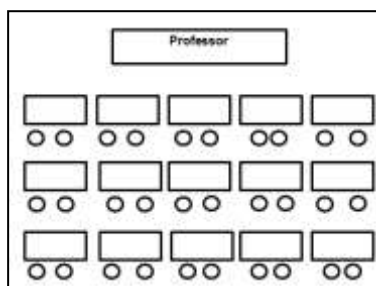
Individual Pares Pequeno grupo
Grande grupo (turma) Outro Qual? _____

2.2. Por que faz essa escolha? _____

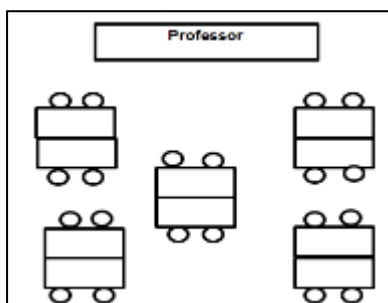
3- Assinale com um X o esquema que melhor identifica o modo como mais gosta de organizar a sala de aula:



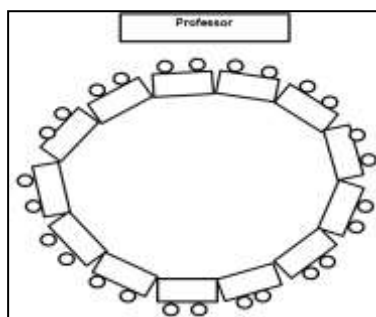
A-



B-



C-



D-

4- Indique com um X o(s) recurso(s) que utiliza para dar as aulas:

Quadro branco	
Quadro interativo	
Fotocópias	
Filmes	
Manual escolar	
Caderno de atividades do aluno	
Computador	
Jogos didáticos	
Cartazes	
Material manipulável	
Diapositivos	
Outro _____	

5- Do(s) recurso(s) que assinalou usa com mais frequência algum em especial?

5.1- Por que motivo?

6- É habitual expor trabalhos de alunos na sala de aula?

Sim

Não

7- **Sugestão:** Caso pretenda fazer algum comentário adicional sobre o tema em questão, p.f. utilize este espaço.

Muito obrigada pela colaboração

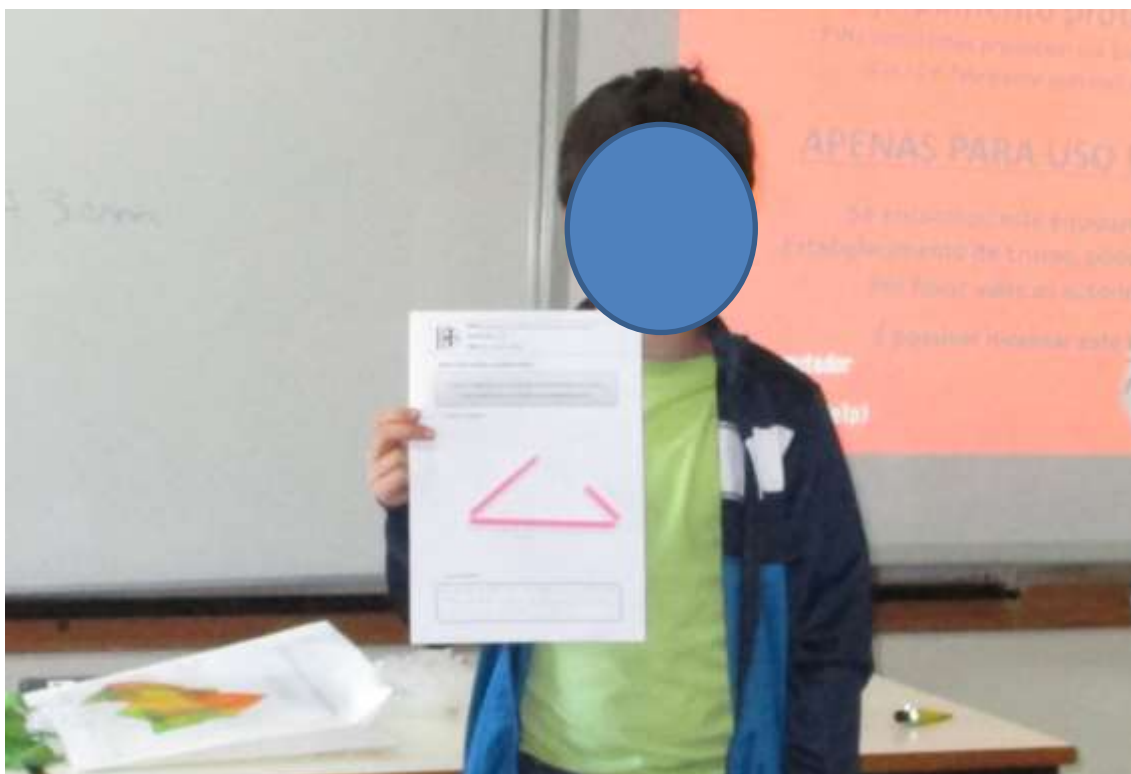
Manuela Ricardo Neves

ANEXO 2 – Recursos utilizados para
conteúdo programático: Desigualdade
Triangular

- *Power Point* explicativo da importância do triângulo para a Humanidade



- Registo fotográfico dos problemas resolvidos pelos alunos com recurso às palhinhas, tiras de madeira e cartolina



ANEXO 3 – Guião de registo da atividade
prática do microscópio



Nome: _____

N.º _____ Turma: _____ Data: ____/____/____

Atividade Prática

Montagem e observação de uma preparação microscópica

Objetivo: Compreender como funciona o Microscópio Ótico Composto (M.O.C)

Material:

M.O.C

Lâmina

Caneta de filtro

Etiqueta

Procedimento Experimental:

1-Desenha a letra "F" numa etiqueta.

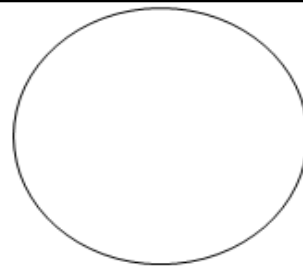
2-Cola a etiqueta na lâmina.

3-Ilumina o microscópio e coloca a preparação, com a letra "F" na posição real, sobre a platina, de modo a ocupar o centro do orifício desta.

4-Procede à focagem selecionando a objetiva de menor poder de ampliação.

5- Desenha a imagem da letra obtida no campo de microscópio. Não te esqueças de mencionar a ampliação em todos os teus desenhos à procura das imagens que observas.

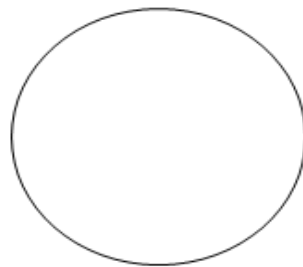
Ampliação do microscópio = Ampliação da ocular X Ampliação da objetiva



Ampliação: _____

6-Desloca a preparação na platina, para a direita e para a esquerda, para a frente e para trás e regista cada um dos sentidos da deslocação da imagem.

7- Seleciona uma objetiva de ampliação imediatamente superior e procede à observação da preparação, corrigindo a focagem. Desenha a imagem obtida no campo do microscópio.



Ampliação: _____

Agora que já realizas-te a atividade prática estás pronto(a) para responder às questões seguintes:

1-Quando deslocaste a imagem para a esquerda, em que sentido observaste que ela se desloca?

2-Quando deslocaste a imagem para a frente, em que sentido observaste que ela se desloca?

3-Ao mudar de objetiva, verificaste alguma alteração na imagem? O que aconteceu?

4- Indica como é a imagem transmitida pelo microscópio?

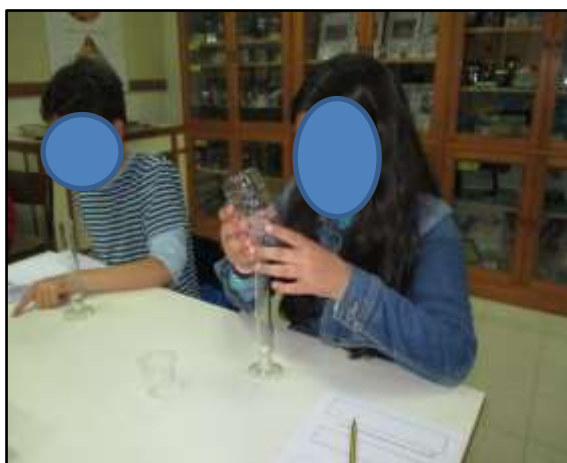
5- Observaste ao microscópio uma preparação com a letra "F", conforme está representada na figura seguinte. Assinala com uma cruz (X) qual a imagem observada.

F



ANEXO 4 - Recursos utilizados para o
conteúdo programático: Tipos de Solo

Registo fotográfico da construção do perfil de solo e da atividade experimental da permeabilidade dos solos




ANEXO 5 – Recursos utilizados para o
conteúdo programático: Programa MFA e a
Independência das Colônias

Fotografia do puzzle



Power point explicativo da independência das colónias





Macau 1999

- Macau esteve sob administração portuguesa até 1999.
- Integrado na República Popular da China

Timor - Leste - em 1975, foi invadido e ocupado pela Indonésia. Praticavam uma política de genocídio (Nopain) resultando num longo massacre de Timorenses.

Independência (19 de maio de 2002), deve-se à resistência e ao aplo heroico dos seus líderes, destacando-se Xanana Gusmão.

Retornados



Retornados no aeroporto de Lisboa


Os portugueses que viviam nas colónias foram obrigados a

- Abandonar as suas casas;
- Deixar os seus bens;
- Deixar os postos de trabalho.

Chegados a Lisboa

- Inquirição do desembarque;
- Alojamento em hotéis;
- Protestos exigindo melhores apoios.

Jogo “O Descolonizador”



Olá, sou o vosso amigo descolonizador. Vou por à prova os vossos conhecimentos.

1- Completa as frases seguintes com os conceitos em falta.

a) Diz-se que um povo, ou região, está a exercer o direito de autodeterminação, quando luta pela sua (...).

b) A (...) é o processo através do qual as colónias se tornam independentes.

c) Os portugueses que habitavam nas ex-colónias e que tiveram que regressar a Portugal após a descolonização eram os (...).

Depois do 25 de Abril de 1974 iniciou-se um período de negociações com o objetivo da descolonização e em pouco mais de um ano surgiram cinco novas nações africanas independentes.

Identifica as letras do mapa com o nome de cada novo país africano.



A - 5 de julho de 1975

B - 1 de setembro de 1975

C - 12 de julho de 1975

D - 11 de novembro de 1975

E - 25 de junho de 1975

OCEANO ATLÂNTICO

OCEANO ÍNDICO

Colónias portuguesas em África e respetiva data de independência

A - _____

B - _____

C - _____

D - _____

E - _____

Classifica as seguintes afirmações como sendo verdadeiras(V) ou falsas(F).

1. Macau tornou-se independente em 1987.
2. Timor tornou-se numa nação em 2002.
3. Atualmente, Macau faz parte da República Popular da China.
4. Os timorenses sofreram muito para conquistar a sua independência.
5. Em 2002, Timor conquistou a sua independência em relação a Portugal.

Chamam-lhes "retornados", embora grande parte tenha nascido em África. [...] Trazem consigo boa dose de desespero por deixarem para trás toda uma vida [...].

Mas, passada a inquietação do desembarque, do alojamento inicial em hotéis e dos protestos exigindo melhores apoios, a integração é suave. Os retornados contribuem mesmo para o desenvolvimento da economia portuguesa com o seu espírito de iniciativa [...].


Vieira, Joaquim – Portugal Século XX. Crónica em imagens 1970-1990. Lisboa: Grupo de Leitores, 2000. (selecionado)

1- Quem eram os retornados?
Escolhe a opção correta.

a) Emigrantes africanos que regressaram aos seus países africanos depois da independência.

b) Portugueses que regressaram a Portugal depois da independência das colónias africanas.

c) Africanos e portugueses que continuaram a viver em África.




Chamam-lhes "retornados", embora grande parte tenha nascido em África. [...] Trazem consigo boa dose de desespero por deixarem para trás toda uma vida [...].

Mas, passada a inquietação do desembarque, do alojamento inicial em hotéis e dos protestos exigindo melhores apoios, a integração é suave. Os retornados contribuem mesmo para o desenvolvimento da economia portuguesa com o seu espírito de iniciativa [...].

Vieira, Joaquim – Portugal Século XX. Crónica em imagens 1970-1990. Lisboa: Grupo de Leitores, 2000. (selecionado)

2- Transcreve do texto, as expressões que revelam as dificuldades dos retornados à chegada a Portugal.



Certificado de participação no jogo: “O descolonizador”.



ANEXO 6 – *Blog da turma*

Página do *Blog* de história da turma 6º B

historiadores6b.blogspot.pt

A História vista pelos alunos do 6ºB

Este blog pretende mostrar um pouco do trabalho que é desenvolvido ao longo das aulas de História e Geografia de Portugal pelos alunos do 6ºB na Escola Básica de Candeio no ano letivo 2013-2014.

quarta-feira, 4 de junho de 2014

Setores de Atividade

Professora estagiária 2ºCiclo

Manuela Neves
Segue

Visualizar meu perfil completo

Arquivo do blog

Esta história permite explicar de uma forma mais simples mas científica de como tudo aconteceu no dia 25 de Abril de 1974 recorrendo à personagem Alexandra.

Postado por Manuela Neves às 09:53 Nenhum comentário:

Trabalho realizado por:

sexta-feira, 25 de abril de 2014

Biografia de Salazar e obras públicas

A liberdade é...

LIBERDADE

PARA MIM A LIBERDADE é... ser eu própria

25 DE ABRIL

Através de uma folha A4 branca os alunos foram levados a desenhar ou mesmo escrever o que era para eles a **Liberdade**.